

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

GIZELE SANTOS SILVA

O LUGAR DAS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS NA ESCOLA.

SÃO LUÍS
2025

GIZELE SANTOS SILVA

O LUGAR DAS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS NA ESCOLA.

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Walkiria de Jesus França Martins.

SÃO LUÍS

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos Silva, Gizele.

O Lugar das Inteligências Pessoais na Escola / Gizele
Santos Silva. - 2025.
69 f.

Orientador(a): Walkiria de Jesus França Martins.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Inteligências Pessoais. 2. Inteligência
Intrapessoal. 3. Inteligência Interpessoal. 4. Espaço
Escolar. 5. Formação Continuada. I. França Martins,
Walkiria de Jesus. II. Título.

GIZELE SANTOS SILVA

O LUGAR DAS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS NA ESCOLA.

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do
Maranhão - UFMA, para obtenção do grau de
licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Walkiria de Jesus França Martins.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Walkiria de Jesus França Martins (Orientadora)
Doutora em Educação- DEI/UFMA

Lia Silva Fonteles Serra (Convidada)
Doutora em Educação- DEII/UFMA

Professor(a) Doutor(a)
Universidade Federal do Maranhão / UFMA

AGRADECIMENTOS

Sabemos que para todas as coisas, debaixo do céu, há um tempo determinado. Por esta razão, sinto-me imensamente feliz por vivenciar este momento, o tempo determinado para mim. Por tudo isso, quero agradecer a Deus que, apesar da minha ausência, sempre esteve presente, colaborando comigo em diversos momentos com sua mão poderosa nos detalhes, por isso e por tanto, sou eternamente grata.

Sou imensamente grata a professora, Dr.^a Walkiria de Jesus França Martins, minha gentil orientadora, por sua nobreza e beleza que refletem seu interior, por seu cuidado e paciência ao me aconselhar durante a jornada, por sua amizade e disponibilidade de me acompanhar, mesmo em meu ritmo lento. Agradeço a prof.^a Dr.^a Lia Fonteles por aceitar o convite e contribuir neste estudo.

Quero agradecer a minha família que tanto amo e que cobrem de amor ainda que com ações e não palavras. Ao meu amado e paciente, Samuel, por se preocupar mais com este trabalho do que a própria pesquisadora, por me ajudar com seus atos de serviços, que é a sua linguagem de amor.

Às minhas amigas que ganhei há pouco tempo, Leandra e Hayla, obrigada por ficarem ao meu lado e principalmente por me encher de conselhos e sorrisos. Leandra é símbolo de gentileza e cumplicidade, obrigada por toda ajuda com o notebook.

Ainda quero fazer menção da nossa diretora do Centro de Ciências Sociais - CCSO, professora Dr.^a Lindalva Maciel, que disponibilizou a sala da direção para digitalização inicial da minha pesquisa, nos momentos em que estava com algumas dificuldades. Agradeço também a coordenadora do curso de Pedagogia, professora Dr.^a Marise Marçalina, e seu auxiliar de coordenação, o discente Paulo, por todo apoio e atenção às minhas dúvidas.

Por fim, apesar de não ser tão comum, parabenizo a mim mesma, que apesar da longa jornada não desisti do meu objetivo, ser professora.

Para que a civilização sobreviva, precisamos elevar ao ponto máximo as ciências dos relacionamentos humanos - a capacidade de todos os povos, de todos os tipos, de viverem juntos, no mesmo mundo, em paz."

(Franklin Delano Roosevelt)

RESUMO

A educação é o agente principal na construção do ser social. A respeito dessa questão, evidenciamos o quanto se faz necessário reforçar e dialogar sobre o Lugar das Inteligências Pessoais, a fim de promover o respeito às diferentes, a consciência coletiva e intrapessoal, favorecendo a socialização saudável entre os integrantes do corpo escolar. Aprender sobre nós mesmos e a relação com o outro, modifica e amplia a nossa visão de mundo, tornando os seres mais responsáveis e sabedores dos seus múltiplos papéis na sociedade. O objetivo desta pesquisa foi a de analisar o lugar das Inteligências Pessoais na escola, através das contribuições de Howard Gardner, teórico das Inteligências Múltiplas e outros escritores que aplicaram seus conhecimentos baseados em sua teoria. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, de campo e bibliográfica, utilizou-se como instrumento de coleta de dados o questionário com perguntas abertas e fechadas, com quatro professores da rede municipal e estadual, sendo dois do município de São José de Ribamar e outro dois de São Luís. Os resultados indicaram as contribuições das inteligências pessoais para o crescimento individual e coletivo dos estudantes, além de averiguar o espaço dado ao desenvolvimento dessa aprendizagem. Recolheu-se, conjuntamente, as sugestões e possibilidades estratégicas, tanto dos estudos bibliográficos quanto dos participantes alvo desta investigação. Conclui-se que as inteligências pessoais ainda precisam ganhar mais espaço nas escolas estudadas e que a formação continuada surge como um aporte para fortalecimento de professores mediadores das relações interpessoais e intrapessoais.

Palavras-chave: Inteligências Pessoais; Inteligência Intrapessoal; Inteligência Interpessoal; Espaço Escolar; Formação Continuada; Práticas Docentes.

ABSTRACT

Education is the main agent in the construction of social being. Regarding this issue, we highlight how much it is necessary to strengthen and dialogue on the Place of Personal Intelligences in order to promote respect for different, collective and intrapessoal consciousness, favoring healthy socialization among members of the school body. Learning about ourselves and the relationship with others, modifies and broadens our worldview, making beings more responsible and aware of their multiple roles in society. The objective of this research was to analyze the place of Personal Intelligences in school, through the contributions of Howard Gardner, theorist of Multiple Intelligences and other writers who applied their knowledge based on his theory. It is qualitative research, field and bibliographic, and was used as an instrument of data collection the questionnaire with open and closed questions, with four teachers from municipal and state, two from the municipality of São José de Ribamar and another two from São Luís. The results indicated the contributions of personal intelligences to the individual and collective growth of students, as well as investigating the space given to the development of this learning. The suggestions and strategic possibilities of both bibliographic studies and of the target participants of this research were collected. It is concluded that the personal intelligences still need to gain more space in the schools studied and that continuing education appears as a contribution to strengthen teacher's mediators of interpersonal and intrapersonal relations.

Keywords: Personal Intelligences; Intrapessoal Intelligence; Interpersonal Intelligence; School Space; Continuing Education; Teaching Practices

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 INTELIGÊNCIA: A MULTIPLICIDADE NA SINGULARIDADE	13
2 AS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS: DENTRO E FORA DE SI.....	18
2. 1. INTELIGÊNCIA INTRAPESSOAL: CONCEITOS E ESTRATÉGIAS	22
2.2. INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL: CONCEITOS E ESTRATÉGIAS	37
3 QUAL O LUGAR DAS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS NA ESCOLA?.....	57
4 CONCLUSÕES SOBRE O LUGAR DAS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS NA ESCOLA.....	64
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A	66
APÊNDICE B	67
APÊNDICE C	69

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelas inteligências pessoais surgiu na prática, no contato com crianças, no chão da escola. Havia muitos momentos em que nos encontrávamos fazendo intervenções e direcionando os estudantes às inteligências pessoais, mesmo que ainda inconscientes desse termo.

Grandes períodos de diálogos para potencializar a autoconfiança e a autonomia nas realizações das atividades. Em outros momentos, uma conversa sobre respeito às diferenças, resolução dos conflitos, dos desentendimentos, entre outras situações que exigiam um gerenciamento de uma inteligência ainda não descoberta.

Até que em uma disciplina de Currículo, com o professor Dr. José Bolívar Burbano Paredes, foram ampliados os nossos horizontes em relação aos estudos de Paulo Freire (1991). Nesse percurso, a obra intitulada Educação como prática de Liberdade, nos direcionou para as relações em sala, daí iniciou-se um olhar crítico sobre as práticas docentes e sua função. Algumas perguntas geradoras, nas palavras de Freire (1991), começaram a surgir como: “o que seria educar para a dimensão humana?” e “nosso papel está para além de ensinar o conteúdo?”.

Descobrimos que uma pedagogia que não é humanizadora não é capaz de alcançar a dimensão plena dos educandos e, nisto, nossos olhos foram abertos para o fenômeno dos relacionamentos, o respeito às diversidades, os círculos de cultura. Foi então que o ‘como ensinar’ se tornou tão mais inquietador do que o conteúdo em si.

Diante disso, o desejo pela temática se fortaleceu gradualmente e, ainda, numa outra disciplina do professor Dr. Bolívar, fomos apresentadas, diante de uma rápida sugestão dele, às Teorias das Inteligências Múltiplas. Uma rápida observação superficial sobre o assunto não conseguiu identificar aquilo que almejávamos.

Contudo, enquanto se pesquisava sobre os relacionamentos estabelecidos em sala e as intervenções docentes, para este trabalho, nada combinou tão bem quanto as Inteligências Pessoais, abordadas por Gardner (1994). Foi então que percebemos que o tema sempre esteve presente em nossa jornada acadêmica, mas como que oculto diante dos nossos olhos.

Quando as máscaras caíram, parecia tudo se encaixar perfeitamente. Por isso, o coração da pesquisa está extremamente entrelaçado às relações pessoais, à

descoberta do seu lugar nas salas de aula, à orientação de estratégias que auxiliem os professores nessa missão.

Todo esforço manifestado na promoção das inteligências pessoais não é apenas pelo fato de ser uma demanda da atualidade, ou porque é fundamental para a construção de um ambiente sintonizado e harmonioso. Acreditamos que as inteligências pessoais são tão básicas à vida quanto o ato de brincar, por isso, o que justifica a negação de inteligências vitais para as crianças?

Para refletir sobre esta pergunta, podemos trazer à tona a letra da música da banda Titãs, por título “Comida”. Segundo a letra, as pessoas não querem só comida, elas querem comida, felicidade, diversão e arte etc. (Titãs, 1997). Do mesmo modo, existe uma longa discussão sobre o que é básico ou o que deixa de ser.

Para a educação bancária, nas palavras de Freire (1991), os estudantes devem sair da escola com sua formação ‘básica’ para viver no mercado de trabalho, o que seria ler, escrever e contar. Na dimensão humanizadora, os discentes precisam de formação para ‘o mundo’, como ser indivíduos autônomos, criativos, decididos, participativos, investigadores e autoconscientes de si e do outro. Por isso, ‘básica’ aqui, compreende uma educação voltada para as dimensões cognitivas, sociais, psicomotoras e pessoais (emocionais).

Na educação humanizadora o conhecimento pessoal é imprescindível, principalmente quando as relações em sala revelam como os estudantes se enxergam no mundo, como expressam suas opiniões, sentimentos ou como gerenciam suas ações nos momentos diversos.

Com base nisso, é impossível pensar em uma educação que abdique da inteligência pessoal, ou que negligencie sua urgência no desenvolvimento das crianças. Por estes motivos, apontamos a natureza social e emancipatória da pesquisa, não só para os estudantes, mas para a sociedade como um todo.

Considerando isto, o presente estudo envolverá a investigação sobre as inteligências pessoais na escola, de modo a identificarmos suas contribuições formativas. Busca-se responder o seguinte questionamento: De que forma estão sendo abordadas as Inteligências Pessoais nas escolas-alvo da pesquisa?

A questão macro, envolve outras questões, como:

- Quais as contribuições das Inteligências Pessoais na vida escolar dos estudantes?
- O que dizem os docentes sobre as Inteligências Pessoais?

- Existem formações continuadas voltadas para este tema na escola?

Em suma, podemos perceber que o conhecimento pessoal abre portas para as demais inteligências, nele é possível estabelecer um ambiente saudável para outras aprendizagens. Apesar de ser um tema esquecido e que enfrenta diversos desafios, os assuntos das inteligências pessoais vêm ganhando força por tratarem conjuntamente da inteligência emocional.

Para os primeiros passos da pesquisa, fez-se necessário que apresentássemos o conceito de inteligência. Para esse fim, agregamos à introdução uma parte dedicada à apresentação do que temos enraizada na sociedade em geral. Desse modo, introduzimos o assunto expandido o que foi possível perceber e aprender sobre o significado de inteligência durante os anos e quais heranças passadas ainda continuam arraigadas nos profissionais da educação hoje.

1.1. INTELIGÊNCIA: A MULTIPLICIDADE NA SINGULARIDADE.

Howard Gardner - codiretor do Projeto Zero (Project Zero) e Professor de Educação na Universidade de Harvard - o “orientador visionário” (Goleman, 2011), questionou a visão unitária da inteligência nas visões anteriores. Dedicou-se em defesa da ideia de que o potencial humano não pode ser medido num formato mecânico, unitário e retilíneo, pois a própria aprendizagem não ocorre assim.

Gardner (1994) constatou a existência de inteligências múltiplas, que de modo resumido, seriam “diversas competências intelectuais autônomas [...], que podem ser modeladas e combinadas numa multiplicidade de maneiras adaptativas por indivíduos e culturas” (Gardner, 1994, p. 7). Ele questionava seus predecessores que limitavam a capacidade de identificar os conhecimentos, medindo-os por testes que ficaram amplamente conhecidos como Quociente de Inteligência (QI).

O principal pesquisador nesta área foi o francês Alfred Binet. No início do século XX, com seu colega, Théodore Simon, Binet projetou os primeiros testes de inteligência para separar crianças com retardo mental e em classificar crianças adequadamente em sua série correspondente (Gardner, 1994, p.12).

Desse modo, iniciou-se a “testagem de inteligência” que nos primeiros anos foi recebida com “entusiasmo exagerado”, segundo Gardner (1994) destravando inúmeras batalhas de discursos entre os psicólogos e filósofos da época. “Barulho e frenesi” que não resultaram em nenhum avanço, pois as disputas rodavam em torno de questões de gosto ou preferência e não sobre qual conclusão científica que precisava ser atingida (Gardner, 1994, p. 13).

Gardner (1994) demonstrou que os testes de QI eram superficiais e quantitativos, não alcançando os indivíduos em sua formação humana e plena. Segundo o teórico, “colocando nos termos do psicólogo Lev Vygotsky, os testes de inteligência falham em produzir qualquer indício da ‘zona de desenvolvimento potencial’ do indivíduo” (Gardner, 1994, p. 14).

Enquanto a Zona de Desenvolvimento Potencial ou Proximal (ZDP), foca no processo e como ocorre essa aprendizagem, avaliando progressivamente a criança por etapas diferentes, o objetivo dos testes de QI era fornecer um tipo de avaliação comparável entre os indivíduos medindo-os com determinadas questões

que buscavam seus conhecimentos inertes e momentâneos, com perguntas isoladas. Segundo Goleman (2011), Gardner observou que:

Pensar que as pessoas são inteligentes ou não, que nasceram assim, que esse é um dado imutável e que os testes podem dizer se a gente é um dos inteligentes ou não. O teste SAT para admissão em universidades repete a forma de pensar segundo a qual uma única aptidão é determinante para o nosso futuro. Esse modo de pensar é impregnado na sociedade (Goleman, 2011, p.63).

Em seu livro publicado em 1983, *Frames of Mind* (Estados de Espírito), o autor das inteligências múltiplas manifesta sua contestação à visão de QI, caracterizando-o como monolítico e limitador, por gerar uma inteligência decisiva para o sucesso na vida (Goleman, 2011).

O teórico ressignifica ao dizer que não se deve condicionar os indivíduos a uma ou duas inteligências como faziam os testes, mas o que se deve ter em vista são as várias formas de inteligências, pois “a característica dessa visão de inteligência é a sua *multiplicidade*” (Goleman, 2011). Portanto, uma das maiores contribuições da teoria das Inteligências Múltiplas foi a ampliação das potencialidades e possibilidades de aprender, de fazer, de pensar e de ser inteligente.

Sobre a inteligência decisiva, pode-se perceber, que ainda está muito enraizada na sociedade a teoria de que se a criança não obter determinada capacidade não obterá um futuro brilhante, claro que nossos estudos posteriores não descartam a importância da aprendizagem das habilidades mais formais, como o raciocínio lógico ou domínio linguístico, mas a crítica fomentada durante os capítulos que seguirão gira em torno da valorização de um tipo de conhecimento em detrimento de outros, por isso é questionado neste estudo qual o lugar das inteligências pessoais na vida dos estudantes, por pura consciência do enraizamento da inteligência uniforme e decisiva.

Gardner (1994, p. 15) ressalta outro teórico que contribuiu para a construção dos seus estudos, ele apresenta o psicólogo suíço, Jean Piaget, aquele que “desenvolveu uma visão radicalmente diferente e extremamente poderosa da cognição humana.”

Aponta que nesta concepção, para entender o estudo do pensamento humano é necessário admitir a realidade de um indivíduo que está entendendo o mundo. Sobre este indivíduo, o pensamento piagetiano insere que “ele está

continuamente construindo hipóteses e por meio disso, tentando gerar conhecimento: ele está tentando entender a natureza dos objetos e materiais no mundo, suas motivações e seu comportamento (Gardner, 1994, p. 15).

Enquanto os testes de QI quantificaram os conhecimentos das crianças para estabelecer um quadro comparativo, Piaget (1999) desenvolvia os estágios do desenvolvimento da criança, são estes: sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais. Desse modo, demonstrou que o conhecimento é adquirido de forma gradual e progressiva, por isso torna-se necessário avaliar seus conhecimentos com base nisso.

Sobre Piaget, Gardner (1994) expõe que em 1920, ele trabalhou no laboratório de Simon, como pesquisador. Logo ficou interessado na razão pela qual as crianças cometiam erros nos testes de inteligência, Gardner (1994) afirma que Piaget jamais incumbiu-se de tecer críticas ao movimento de testes de QI, mas que suas inadequações podem ser vistas ao analisar as estratégias científicas que Piaget realizou para a sua teoria.

No geral, os estudos de Piaget despertaram muitos outros pesquisadores, que voltaram sua atenção para o desenvolvimento da aprendizagem. Entre eles, Howard Gardner, que junto com outros cientistas iniciaram a construção das suas pesquisas sobre o potencial humano. Sobre o potencial humano e sua importância será concedido maior atenção no capítulo 2 deste trabalho.

Sobre as inteligências múltiplas de Gardner, Campbell, Campbell e Dickinson (2000), afirmam que elas podem ser apresentadas de diversas formas, pois “são ferramentas para aprendizagem, resolução de problemas e criatividade, que todos os seres humanos podem usar” (Campbell; Campbell e Dickinson, 2000, p.22).

Os autores prosseguem listando as oito inteligências estruturadas na teoria, são elas: Inteligência Linguística, Inteligência Lógico-matemática, Inteligência Espacial, Inteligência Cinestésico-corporal, Inteligência Musical, Inteligências pessoais que se subdividem em Inter e intrapessoal, e, por último, a Inteligência Naturalista. Posto isso, vale lembrar que:

Gardner tem o cuidado de explicar que a inteligência não deve estar limitada àquelas que ele identificou. Entretanto, acredita que as oito proporcionam um quadro bem mais preciso das capacidades

humanas do que as teorias unitárias anteriores (Campbell; Campbell; Dickinson, 2000, p.22).

O fato de classificar as inteligências não significa uma tentativa de limitá-las, mas objetiva-se organizá-las para melhor entender a sua natureza multicultural (Campbell; Campbell; Dickinson, 2000, p.21).

Outro fator importante é que em sua teoria, cada inteligência contém várias sub inteligências e cada ser humano possui formas distintas de apresentar ou empregá-las em diversas situações. Neste estudo será dada maior atenção às inteligências pessoais, que se subdivide em Inteligência intrapessoal e interpessoal.

Em suma, foi possível analisar que existiu uma grande demanda sobre as aprendizagens denominadas principais. Até o presente momento, não é possível perceber tanta diferença dos conceitos passados para aquilo que norteiam nossas práticas hoje. O modelo de inteligência única e a avaliação em massa ainda está presente no contexto em que vivemos. Porém é preciso desmistificar esse conceito, por essa razão faz-se necessário a investigação do tema em pauta.

Dado esses aspectos, vale nos interrogar sobre: Quais as contribuições das Inteligências pessoais na vida escolar dos estudantes? O que dizem os docentes sobre as inteligências pessoais? Existem formações continuadas voltadas para este tema na escola?

Para tal, tem-se como objetivo geral analisar o lugar das Inteligências Pessoais na escola e quais as contribuições apresentadas à formação contínua dos sujeitos envolvidos. Metodologicamente, este estudo caracteriza-se como de natureza qualitativa e envolverá uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo com docentes de uma escola pública de São Luís e outra de São José de Ribamar/ Maranhão.

Desse modo, o trabalho monográfico está organizado em três seções para além desta em forma de Introdução. Na primeira seção, discorreremos sobre as “Inteligências Pessoais: dentro e fora de si”, visando atender o objetivo específico de apresentar as concepções teóricas que contribuem com os estudos sobre as inteligências pessoais para o desenvolvimento integral das crianças.

Na segunda seção intitulada “Qual o lugar das inteligências pessoais na escola?”, partimos para o estudo empírico, na qual nossa escrita se volta para a pesquisa de campo, buscando em relatos docentes o que se pode saber sobre o lugar das inteligências pessoais no âmbito escolar. Nela são informados os dados e as

análises sobre as experiências pedagógicas e formativas relacionadas ao tema das inteligências pessoais na escola.

Por fim, na terceira seção, que tem como título “Conclusões sobre o lugar das inteligências pessoais na escola”, informamos sobre os contributos da temática, as limitações identificadas no estudo e as sugestões às pesquisas futuras.

2. AS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS: DENTRO E FORA DE SI.

William James, o decano dos psicólogos e filósofo americano, Freud, o austríaco e pai da psicanálise, representavam dois grupos de movimentos diferentes. Enquanto Freud voltava-se para ‘dentro’, buscando compreender o eu de acordo com o conhecimento de si mesmo por parte dos indivíduos, James buscava entender a partir do lado de fora, apresentando que o descobrimento de si é construído a partir da visão dos outros (Gardner, 1994, p. 184).

O que uniu esses dois pensadores, foi a ideia de que a psicologia deveria estar centrada em torno do conceito de pessoa, sua personalidade, seu crescimento e seu destino. Ambos estavam interessados na centralidade do eu individual e na capacidade do autoconhecimento, ou seja, os dois psicólogos “eram simpáticos a ideia das inteligências pessoais” (Gardner, 1994, p 184).

No entanto, o teórico da multiplicidade, vincula as duas formas de inteligências, pois, para ele, ambas se encontram “intimamente misturadas em qualquer cultura, com o conhecimento de nossa própria pessoa perenemente dependente da capacidade de aplicar lições aprendidas a partir das observações das outras pessoas” (Gardner, 1994, p. 187).

Ele afirma que nenhuma forma de inteligência pode desenvolver-se sem a outra, por esta razão o teórico decide discuti-las de forma conjunta, pois, para ele, elas se complementam como interdependentes.

Percebe-se, portanto, que o poder das relações humanas, tanto dentro quanto fora de si, contribui para a constituição do conhecimento. A Bíblia Sagrada cita um momento, no Jardim do Éden, em que Deus diz ao homem “Não é bom que estejas só” (Bíblia, 2010, Ge. 2.18). Esta foi a primeira vez que Deus disse que algo não era bom e isto era o estar sozinho no mundo.

Esta colocação é muito bem defendida pelos sociointeracionistas e teóricos do desenvolvimento da aprendizagem, que propõem que o aprendizado é construído através das trocas com o meio e com os outros, o próprio teórico estudado afirma que sem uma comunidade os indivíduos jamais se descobririam como humanos. Por isso, estar sozinho, literalmente, não é bom.

Diante do exposto, também pode-se destacar que essa temática tem ressignificado pesquisas na área da psicologia e da educação, até mesmo as

empresas estão engajadas na proposta de avaliar as inteligências emocionais/pessoais dos seus candidatos, para a seleção de cargos.

Ao analisar sobre as “Soft Skills” - termo do inglês utilizado para definir habilidades socioemocionais, comportamentais e pessoais - foi possível perceber, segundo Sabroso (2023), que as empresas têm começado a valorizar cada vez mais as habilidades relacionais, como pré-requisito para composição do quadro de profissionais.

De acordo com o autor, esse novo termo se refere ao modo como as pessoas se relacionam entre si e com o meio, bem como constrói maneiras de lidar consigo mesmas e com suas reações diante das situações (Sabroso, 2023).

Faz-se necessário lembrar que, no meio empresarial, essas habilidades pessoais culminam em um objetivo já conhecido, a produtividade dos indivíduos. Porém não se pode negar a importância das inteligências pessoais para a construção de ambientes de trabalho saudáveis e mais harmoniosos.

Damásio (2010) também escreve valiosos apontamentos sobre a capacidade do descobrimento interior. Em seu livro, “O Despertar da Consciência”, inicia as primeiras reflexões, de modo um tanto poético, descrevendo o momento de resgate da própria consciência.

Em seus escritos, o autor fala sobre um “descobrimento do eu” que estava adormecido e, ao despertar, percebeu que seu estado sem consciência, o havia levado a viver desacordado, tinha estado inconsciente. Nesse sentido, o autor transmite uma mensagem inicial sobre a dormência da consciência, definindo como um “despertar”, o fato de se tornar autoconsciente do mundo ao seu redor.

Dispondo dessa reflexão, pode se evidenciar os prejuízos que traz a falta do conhecimento interior. Pode-se afirmar que há séculos a educação mecânica vem sendo construída sobre um solo de inconsciência, e muitos relatos existem sobre como as populações foram condicionadas a esquecerem de si mesmas e da realidade que as cercam.

Este exemplo inquietador é proposto para demonstrar a importância de se pensar em uma educação que forme para o despertar da consciência. O valor desse entendimento pode ser visto nas palavras do autor, que ao falar sobre si mesmo, revela que o acordar permitiu-lhe reemergir e inspecionar o próprio domínio mental, a vasta projeção de um filme mágico, em parte documentário, em parte ficção, a que também chamamos mente humana consciente (Damásio, 2010).

Por estes múltiplos benefícios, reafirma-se a necessidade das inteligências pessoais para o desenvolvimento de uma educação plenamente consciente. Apreende-se que estar no mundo não é só existir, é viver ‘acordado’, e essa vida é carregada de sentimentos, pensamentos, emoções e relações com os outros e consigo próprio.

Se de um lado Damásio (2010), poeticamente refletiu sobre o conhecimento da parte de “dentro” do ser humano, Freire (1967) inquieta-nos em seus escritos chamando a atenção para o lado de fora, as relações que envolvem coragem. Sobre esta educação ele anuncia:

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (Freire, 1967, p. 97).

O teórico das relações expõe, desse modo, que é preciso ter coragem para viver e se posicionar no mundo, as relações com outros envolve debate, análise e discussões, as quais costuma-se fugir. Mas o ideal é que desde criança, os seres humanos desenvolvam habilidades de gerenciar suas emoções, como o medo, e ter a coragem para se relacionar bem com o mundo em sua volta.

Segue-se enfatizando que as relações são intrínsecas à vida, acompanha-nos desde os primeiros sinais de vida até os últimos. Estas relações estão por todos os lugares, essencialmente nas escolas, onde nossos repertórios aumentam sobre o conhecimento de mundo e novas amizades se tornam centro da vida na adolescência.

Lidar com o mundo em redor e as demandas daquilo que nos afeta interiormente, tem sido um grande desafio para os estudantes e professores nos últimos dias. As abordagens sobre os tratamentos com os colegas, as intervenções contínuas sobre o bullying, as ‘paradas obrigatórias’ durante as aulas para tratar do comportamento da classe, e a lista continua longo, evidenciando o quão necessário é desenvolver as inteligências pessoais nas instituições de ensino. Sobre isto, Gardner (1994) aponta que:

As pressões para empregar nossas inteligências pessoais são agudas: é incomum que o indivíduo não tente desenvolver seu

entendimento da esfera pessoal, para melhorar seu próprio bem-estar ou seu relacionamento com a comunidade (Gardner, 1994, p. 187).

Não obstante o pouco apoio social de empregar meios para ajudar os indivíduos a desenvolverem as inteligências pessoais, ainda resta-lhes as pressões da própria população. Espera-se muito e empreende-se pouco na vida das crianças. A cobrança exagerada em detrimento do pouco auxílio é um fato considerado não só na temática da educação para as relações, mas em muitos outros aspectos.

2. 1. INTELIGÊNCIA **INTRAPESSOAL**: CONCEITOS E ESTRATÉGIAS.

Considerando-se a importância das inteligências pessoais e os prejuízos provocados mediante a sua ausência, a partir deste ponto ampliaremos as informações sobre a concepção e aplicação destas inteligências.

A primeira observação é que Gardner (1994) as divide em duas categorias que se complementam: inteligência intrapessoal e interpessoal. Nesta feita, será ampliado o estudo sobre o conhecimento interior com base nos materiais bibliográficos. No primeiro momento, a concepção de inteligência intrapessoal sinalizando suas contribuições para os estudantes.

É importante frisar que os apontamentos em favor da inteligência intrapessoal e interpessoal, não se configuram numa tentativa de atribuir aos professores total responsabilidade do desenvolvimento das crianças, mas, em apontar que muito pode ser feito por elas, se no mínimo, a escola e seus parceiros proporcionarem um lugar de possibilidades às inteligências pessoais.

Em síntese, o objetivo desta seção secundária é apresentar a ideia de que a autodescoberta abre portas para as demais aprendizagens, que levar os estudantes ao caminho desse conhecimento interior, também é tarefa docente. Quanto a isto, a frase célebre de Sócrates (479-399, a.C), “Conhece-te a ti mesmo”, nunca foi tão imperiosa.

Diante do exposto, pode-se inferir que a inteligência intrapessoal diz respeito àquilo que sentimos, construímos e reformamos interiormente. Gardner (1994) define que “em seu nível mais avançado, o conhecimento **intrapessoal** permite que detectemos e simbolizemos conjuntos de sentimentos altamente complexos e diferenciados” (Gardner, 1994, p. 185, grifo nosso).

O conhecimento interior favorece a capacidade de entender a si mesmo e agir sobre isso, tomando atitudes mais conscientes. Além disso faz com que consigamos “distinguir um sentimento de prazer ou de dor e com base nessa discriminação tornar-se retraído ou envolver-se em uma situação” (Gardner, 1994, p. 185).

Esta capacidade de olhar para dentro de si e reconhecer suas qualidades, defeitos, potencialidades e necessidades, também é colocada pelo teórico como sendo uma definição da inteligência intrapessoal em sua forma mais ampla.

Para entender melhor o desenvolvimento das inteligências pessoais durante o tempo, ele divide a percepção delas em algumas etapas da vida humana. Inicialmente, ainda bebês, os indivíduos experimentam uma gama de sentimentos, porém não-interpretados, desde o ventre. Essa gama de emoções já contribui para uma primeira introdução ao amadurecimento intrapessoal.

Gardner (1994) afirma que durante seus primeiros meses de vida, o bebê começa a expressar suas emoções, reagir quando algo está lhe incomodando, também reconhece os outros e faz distinções entre os familiares mais próximos. No segundo ano de vida, a criança já consegue referir-se a si mesma pelo nome e a construir seu senso inicial de pessoa.

Um estudo citado por Gardner (1994), do cientista Gordon Gallup, afirma que, com um estudo com primatas, foi possível usar de dispositivos para determinar “quando o bebê humano vem a conceber-se, pela primeira vez, como uma entidade separada, uma pessoa incipiente” (Gardner, 1994, p. 190).

Num segundo momento, o teórico cita a etapa da criança de dois a cinco anos de idade. Ele chama a atenção para uma “revolução intelectual importante” e, sobre o desenvolvimento intrapessoal, diz que a criança o constrói através da exploração de vários papéis visíveis e viáveis na comunidade.

Ainda nesta etapa, o teórico apresenta que “na linguagem menos carregada de afeto de Piaget, esta é uma fase de egocentrismo em que a criança se encontra ainda trancada em sua própria concepção pessoal de mundo” (Gardner, 1994, p. 191).

Neste período, existe uma dificuldade de se colocar no lugar do outro e o conhecimento que as crianças têm, está restrito às próprias concepções. Por esse motivo, a criança é descrita como um indivíduo à parte, lutando para estabelecer sua autonomia e, majoritariamente, insensível ao mundo dos outros indivíduos.

Gardner (1994) complementa que, de acordo com os sociointeracionistas, ainda nesta fase a criança desenvolve-se através do conhecimento dos outros, interrelacionando a capacidade intrapessoal e interpessoal mais uma vez, reafirmando que não há capacidade de se conhecer separada da capacidade de conhecer os outros. Sobre essa abordagem Gardner (1994) expõe:

A abordagem socialmente orientada reconhece que **a criança não se desenvolve em isolamento**: ela é inevitavelmente um membro da

comunidade e sua noção de como os indivíduos são não pode se desenvolver no vácuo [...] a criança é inextricavelmente impelida a focalizar-se nos outros, como um indício para si mesma (Gardner, 1994, p. 192. Grifo nosso).

Percebe-se, portanto, neste período, que as crianças estão progressivamente despertando a inteligência sobre si mesmas, porém é através das relações com seus pares, principalmente na escola, que elas vêm a conceber-se como pessoas com sentimentos, pensamentos, desejos e vontades próprias, separadas dos demais. Nas palavras do próprio autor, “sem uma comunidade para fornecer as categorias relevantes, [...] indivíduos jamais descobririam que são pessoas” (Gardner, 1994, p. 192).

Outra etapa muito relevante é a da criança em idade escolar. Esse período contribui, substancialmente, para o desenvolvimento da inteligência intrapessoal pois nas trocas com seus parceiros escolares, a criança começa a desenvolver um grande interesse de conhecer a si mesma, passando a ficar preocupada com a aquisição das próprias habilidades, tendo em vista os colegas da turma como referência.

O autor define que “esta é a idade da aquisição de competência, construção de diligência: a criança está imbuída por um temor de sentir-se inadequada, de parecer um eu inábil” (Gardner, 1994, p.193).

Diante disto, é possível afirmar que a criança na idade escolar se desenvolve interiormente de forma mais progressiva, percebendo-se nos outros e descobrindo as coisas que sabe fazer e as que ainda precisa melhorar.

Neste sentido o papel do professor mediador é de suma importância para a consumação desta inteligência. Promover o desafio de se autoconhecer pode ser gerenciado por diversas estratégias pedagógicas, cabe aos profissionais a tarefa de conhecer seus estudantes e aprimorar a autodescoberta de acordo com a realidade que se encontram, utilizando-se de todos os meios possíveis.

Na meia infância, o teórico afirma que é um período de maior sensibilidade social. Esta sensibilidade, por sua vez, interfere grandemente no que as crianças pensarão sobre si mesmas. Um grande desejo em se encaixar numa rede de amigos desperta grandes riscos, que, segundo Gardner (1994), “se forem genuinamente perturbadores, é bem possível que venham dominar as introspecções da criança” (Gardner, 1994, p. 194).

Em vista disso, pode-se perceber a relevância do papel docente, unido a comunidade escolar e família, de desenvolver práticas que auxiliem na construção e percepção de identidade. Mediando essas influências externas, através da observação, do atendimento individual, das construções de mapas mentais relacionados ao autoconhecimento.

Em suma, esta tarefa da meia idade, ou pré-adolescência, é, na verdade, bastante desafiadora e necessita de um olhar sensível, paciente e profissional dos docentes, para que, fazendo isso, sejam capazes de acolher, cuidar e fortalecer uma auto visão positiva. Sobre esta visão, pode-se inferir que, conforme Gardner (1994), a autoestima, principalmente das meninas, tende a cair consideravelmente, na pré-adolescência. Ele afirma:

Por exemplo, muitas meninas pequenas vêm a sentir que não são capazes de resolver problemas de matemática iniciando, assim, um ciclo vicioso de expectativas diminuídas e conquistas diminuídas (Gardner, 1994, p. 194).

Por isso, o olhar docente deve ser apurado diante dessas circunstâncias, com especial cuidado frente aos elogios e críticas. Tendo cautela não apenas com seu julgamento ou palavras inadequadas, mas, ponderando, de igual modo, as falas desmotivadoras de outros estudantes sobre determinada criança.

A premissa para esta intervenção é a de que o papel docente vai muito além de apenas “ensinar o conteúdo”. Para além disso, os educadores devem evidenciar que seus alunos são capazes de aprender, fazendo-os acreditarem em seu potencial e auxiliando no crescimento da autoconfiança e autoestima dos discentes.

Posterior a isto, Gardner (1994) indica uma nova etapa, a adolescência. ‘Os anos turbulentos da adolescência’, conforme o autor, revelam um amadurecimento da própria pessoa, existe uma maior correlação entre as inteligências pessoais e o aprimoramento da identidade. Gardner (1994), denominou de “senso de eu”, ao citar o psicanalista Erik Erikson, apresenta que no despertar desta consciência “o indivíduo chega a um esboço dos papéis com os quais ele próprio se sente confortável em termos dos seus próprios sentimentos e aspirações” (Gardner, 1994, p. 194).

Neste esboço, os indivíduos chegam a “um acordo com seus próprios sentimentos, motivações e desejos pessoais.” (Gardner, 1994, p. 194-195). Todo este

esforço da adolescência é gerado pelo desejo de aceitação e acolhimentos dos grupos de interesse.

A valorização por determinados ambientes modela o sujeito interior. Uma evidência disso é a chegada da puberdade e as paixões da adolescência que remodelam as aspirações individuais e passam a ser determinantes diante da escolha do “eu”, que os estudantes nesta fase desejam revelar.

No ambiente escolar, torna-se ainda mais desafiador, pois esse tipo de transformação pode interferir de forma negativa no desempenho e participação dos alunos. Sentimentos como vergonha, timidez, entre outros, podem começar a se tornar mais frequentes, acarretando novos desafios aos docentes. Um jogo de confiança é possível ser evidenciado quando os professores são abertos ao diálogo e à escuta, quando se fazem acessíveis e demonstram seguranças em mediar essas barreiras trazidas da adolescência.

Sobre as fases posteriores à adolescência, é possível compreender nos escritos de Gardner (1994), que muitos pensadores reuniram esforços para tentar responder e descrever o que acontece com o eu maduro. Alguns trilham pelo caminho do estudo das decisões e como estas criam tensões na vida adulta. Não é de se admirar que tomar decisões é algo tão pessoal e entrelaça pontos que estão no subconsciente de cada pessoa.

A palavra certa para este assunto é autonomia, o fazer de forma independente, como as escolhas, algo que pode ser interrompido ou potencializado desde a infância. Na escola, este estudante também pode receber uma gama de possibilidades que podem potencializar e incentivar a tomada autônoma de decisões, como um treino dinâmico de aquisição de responsabilidade.

Porém, em contextos diferentes, é possível que o direito de escolha seja retido e, as crianças, sejam colocados num meio onde tudo seja entregue pronto e forma linear, sendo assim, a capacidade de tomar decisões, certamente nascerá de forma prematura, a partir de erros maiores e difíceis restituições.

Além dos pensadores que tentaram descrever a maturação através das decisões, outros enfatizaram o amadurecimento como processo de desenvolvimento continuado. Neste aspecto, os indivíduos são tidos como mais capazes de “fazer ‘manobras’ certas e chegar a uma posição adequada de aceitar o que não pode ser alterado [...] que os indivíduos têm a opção de tornar-se crescentemente autônomos, integrados, ou auto-realizados” (Gardner, 1994, p. 195).

O que se pode observar é que o ‘senso de eu’ amadurecido tem uma tendência obrigatoriamente voltada ao interior de cada indivíduo, de acordo com os pensamentos já expostos acima, porém ainda existe uma outra concepção que tenta descrever o amadurecimento, porém relacionado ao interpessoal que será visto em outro momento.

Basicamente, todas as fases citadas, bem como a última fase que o autor denomina “senso de eu maduro”, demonstra o valor das inteligências pessoais, e, principalmente, da intrapessoal, o conhecimento de si mesmo é fundamental para todas as atividades do dia a dia, desde a mais a mais complexa.

Por isso compreende-se que é preciso promover espaços de maiores reflexões sobre esse assunto e, além disso, aplicar práticas que valorizem e promovam a interação intrapessoal. Para ajudar nesta análise, outros autores serão mencionados com o intuito de apresentar nitidamente a relevância da temática.

Campbell, Campbell, Dickinson (2000), trazem importantes reflexões sobre a inteligência intrapessoal. Os autores afirmam que essa inteligência é a força central do mundo interior em que nos apoiamos. Neste centro existem habilidades como a motivação, determinação, ética, integridade, empatia e altruísmo, e que sem esses recursos internos seria difícil viver plenamente (Campbell; Campbell; Dickinson, 2000, p. 178). Do mesmo modo, afirmam que

A inteligência intrapessoal não precisa ser uma qualidade formal. Na verdade, a capacidade para nos compreendermos melhor, sendo capazes de rir de nossas fraquezas ou erros, é uma maneira segura de aumentar o autoconhecimento (Campbell; Campbell; Dickinson, 2000, p. 178).

Com isto, pode-se perceber que o autoconhecimento auxilia na autoconfiança, já a falta dele, na insegurança, afetando diretamente o desempenho das crianças nas atividades, como o desânimo diante de algo que acredita não saber. Por isso, a importância de conhecer a própria identidade, de se perceber e, a partir disso, trabalhar, em si mesmo, as próprias necessidades.

Ao se tratar do relacionamento interior, o ser humano sempre foi altamente complexo, existem tantas versões de si, que são utilizadas em diversos contextos diferentes, de acordo com o que se deseja empregar (Gardner, 1994).

Como podemos implementar a teoria da inteligência INTRApeçoal?

Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p. 178), dizem que “as crianças pequenas em geral são curiosas sobre suas experiências internas e podem beneficiar-se de várias atividades intrapessoais.” De fato, as crianças as que mais demonstram interesse sobre si mesmas, as mais questionadoras e abertas ao diálogo.

O autodescobrimento é a aula mais importante de suas vidas, elas pensam seriamente sobre o que sabem e interagem com esse conhecimento como o sendo mais valioso. Negar esses momentos aos estudantes, inquestionavelmente, é negar-lhes a aprendizagem da própria existência.

Vale destacar que não se pode fugir da realidade do chão da escola. De fato, as muitas demandas afetam o olhar mais apurado sobre o sentimento da criança, e é possível que na correria da rotina, as habilidades intrapessoais sejam pouco trabalhadas ou identificadas. Porém esse desenvolvimento interno não pode ser negligenciado por inteiro, pois é essencial à vida, às relações externas e à própria construção de identidade. Gardner (1994), inclui que tal conhecimento se trata da

capacidade de efetuar instantaneamente discriminações entre estes sentimentos e, enfim, rotulá-las, envolvê-las em códigos simbólicos, basear-se nelas como meio de **entender e orientar nosso comportamento** (Gardner, 1994, p. 185, grifo nosso).

Para o teórico, a inteligência intrapessoal é norteadora dos comportamentos humanos, através da ‘discriminação dos sentimentos’ se torna mais fácil perceber, entender e agir sobre as próprias ações. Ela auxilia no processamento dos sentimentos e das emoções, constrói pontes para o desenvolvimento da educação socioemocional.

Por falar de emoções, torna-se impossível analisar a inteligência intrapessoal sem a inteligência emocional. Sobre isso, Goleman (2012), traz ricas contribuições para este estudo. O teórico da inteligência emocional primeiramente apresenta a estruturação do cérebro e o seu desenvolvimento evolutivo.

Ele define que o sistema límbico e neocórtex, amígdala e lobos pré-frontais são parceiros na vida mental e que, quando esses parceiros interagem bem, a

inteligência emocional aumenta, possibilitando melhorias na capacidade intelectual (Goleman, 2012, p. 52).

Goleman (2012), distingue o QI de inteligência emocional, sintetizando que o primeiro está ligado às aptidões intelectuais, já a segunda, às aptidões emocionais. Descreve que “pessoas com alto nível de QI podem ser pilotos incompetentes de sua vida particular” (Goleman, 2012, p. 58). Tecendo, mais uma vez, a crítica sobre a valorização de um tipo de conhecimento em detrimento de outro.

Goleman (2012), ressalta que “as pessoas que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas” (Goleman, 2012, p.60). É importante, com isto, analisar quão trabalhoso é viver sem a inteligência emocional.

O jogo é muito mais difícil quando não se sabe as estratégias, do mesmo modo, a vida é muito mais complicada quando não se sabe sobre nós mesmos. Em suma, o teórico caracteriza inteligência emocional da seguinte forma:

A capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante (Goleman, 2012, p. 58).

Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p.178) também apontam que “os alunos terão sido bem instruídos se perceberem que cometer um erro honesto não deve conduzir à autodepreciação, à vergonha ou à raiva”. Para isto, os professores são essenciais na mediação dessa habilidade, mostrando com seu próprio exemplo, tal capacidade, gerenciando suas próprias emoções nas intempéries da vida escolar. Porém, esta pauta será discutida mais profundamente na subseção 3.1.

Os autores incluem que a inteligência intrapessoal abrange além dos sentimentos, nossos pensamentos, e, desse modo, é possível fazer uma autoavaliação e aprimorar-se diante de sua realidade. Apresentam que “esta auto-observação crítica é uma maneira de nos tornarmos mais conscientes do nosso mundo interior, uma consciência tão importante para os professores quanto para os alunos (Campbell; Campbell; Dickinson, 2000, p. 178).

Não somente os professores, mas os pais e a sociedade, têm papéis fundamentais no desenvolvimento das inteligências pessoais, promovendo um espaço acolhedor, seguro e estimulante, que possibilite às crianças externarem seus sentimentos.

Para possibilitar esse desenvolvimento, Campbell, Campbell e Dickinson (2000), trabalharam juntos para a construção de algumas estratégias para a promoção das inteligências pessoais. Eles ressaltam que os professores também devem ter o cuidado de não esperar resultados imediatos pois o autoconhecimento profundo leva toda uma vida (Campbell; Campbell; Dickinson, 2000, p. 179).

Sobre as estratégias específicas para o desenvolvimento da inteligência intrapessoal, serão apresentadas no quadro abaixo, para melhor visualização:

QUADRO 1: Estratégias e sugestões para auxiliar docentes no desenvolvimento das habilidades intrapessoais na escola.

9 ESTRATÉGIAS	SUGESTÕES
ESTABELECIMENTO DE UM AMBIENTE PARA NUTRIR A PERCEPÇÃO DE IDENTIDADE;	Alimentar a autoestima através da promoção e fortalecimento da: equidade, comunidade, participação, agrupamento cooperativo e processos de aprendizagem ativa: O corpo docente deve criar uma atmosfera afetiva e protetora. Garantir que essas 5 qualidades sejam promovidas no espaço escolar, para que os estudantes sintam confiança e segurança; Alimentar o sentimento de autovalorização através dos 4A's Diminuir o sentimento de autodepreciação através dos 4 As. Gerenciar espaços onde os estudantes possam voltar a Atenção para dentro de si. Aceitar suas qualidades e reconhecer suas necessidades. Apreciar-se no que sabe fazer, ou em atitudes corretas que já tomou, criando Afeto por si mesmo e encorajando-se a melhorar progressivamente; Teoria de controle de William Glasser. Motivar os alunos através das 5 necessidades humanas de Glasser. • Sobrevivência; • integração; • Poder; • Liberdade; • Diversão Planejar aulas onde possam reconhecer esses aspectos. (Trazer situações-problemas, desafios coletivos, análise da própria realidade e construção de soluções etc.).
APRIMORAMENTO DA AUTOESTIMA: APRENDER A AMAR A SI MESMO;	Círculos de elogios. Elaborar dinâmicas que estimule os círculos de elogios; Reconhecimento individual.

	Reconhecimento particular: convidar, individualmente, a criança para ouvir um feedback em particular, agradecer-lá por suas boas atitudes, pontuar suas conquistas. Obs.: O elogio, quando feito, deve ser sincero, adequado à tarefa realizada e especificamente descritivo do que a criança fez. Apoio dos colegas. Apoio dos colegas: a rede de apoio entre os colegas é uma forma de monitoria entre os alunos. É possível formar duplas ou trios que se complementam em suas necessidades escolares. Obs.: No primeiro momento é necessário conhecer os estudantes, depois, se eles concordam em ajudar uns aos outros, permitir que esses grupos possam ser dinâmicos e que após o cumprimento dos objetivos possam escolher, outras duplas. A rede de apoio pode ajudar os alunos a reconhecerem a valiosidade das suas habilidades; Através da interdependência positiva, os alunos podem melhorar a autoestima e habilidades escolares e sociais.
ESTABELECE E ATINGIR OBJETIVOS;	Avaliação dos interesses dos alunos. Realizar uma sondagem dos interesses dos estudantes utilizando um roteiro de perguntas. (O anexo do roteiro modelo está no final deste trabalho); Folha individual de objetivos dos alunos. Folha de objetivos de curto prazo: oferecer às crianças um formulário onde possam preencher seus objetivos a curto prazo, por exemplo: 1. objetivo específico para aula de hoje; 2. habilidades que preciso para realizar este objetivo; 3. Eu realizei ou não este objetivo? 4. Em que devo melhorar? São apenas sugestões de como é possível fazer com que os alunos estabeleçam metas consigo mesmos. Uma ótima sugestão é plastificar essa folha para que todos os dias possa ser reutilizada. Estabelecer objetivos olímpicos. Com os objetivos olímpicos, os autores destacam que está ligado a três fatores: paixão, visão e ação. PAIXÃO: saber o que no fundo realmente importa; VISÃO: controlar a própria imaginação/ imaginar-se realizando algo; AÇÃO: planos de ação que incluíam objetivos de curto, médio e longo prazo, além de desafio diário. Obs.: Apoio social também foi listado como muito importante para o cumprimento de objetivos segundo os atletas olímpicos. Trabalhe com a capacidade máxima dos alunos assim como os atletas.

HABILIDADES DE RACIOCÍNIO;	Metacognição. A habilidade de pensar: na metacognição os alunos são levados a refletirem sobre seu próprio pensamento. Obtenção do controle do processo de aprendizagem. Ajudar os alunos a pensarem parece uma tarefa simples ou supérflua, mas não é, pelo contrário, é uma habilidade que deve ser ensinada e organizada. Aplicação: o objetivo é fazer com que os alunos sejam conscientes e tenham controle da sua aprendizagem. Formulário de reflexão e planejamento da tarefa. Segue roteiro para esse objetivo: Qual é a tarefa? O que eu já sei sobre esse tópico? O que eu ainda preciso aprender para realizar a tarefa? Qual ajuda eu preciso acionar? Quais atividades me ajudarão? Esse roteiro é apenas uma sugestão para levar os estudantes a refletirem sobre o que já sabem. Outras perguntas podem ser agregadas de acordo com o olhar dos professores.
EDUCAÇÃO EMOCIONALMENTE INTELIGENTE;	Estabelecimento de um ambiente que permita a expressão emocional. Refletir sobre a receptividade dos professores às suas próprias emoções. (Por isso, a importância das formações continuadas aos docentes) Abordar as situações que incomodam os professores com humor, como por exemplo, as reclamações diante das atividades, as conversas paralelas durante a aula, os docentes podem procurar soluções criativas para conscientizar os alunos que aquilo é ruim e desrespeitoso do que apenas usar palavra oral; Um exemplo, foi o que fez o professor de matemática, ao ficar cansado das reclamações dos alunos sobre as situações-problemas que ele colocava para a sala resolver. Decidindo aliviar a ansiedade deles, ele usou uma máscara de monstro e com voz aterrorizante fingiu ser o Monstro dos Problemas Matemáticos. O professor ficou pela sala vangloriando-se e barrando as queixas dos alunos sobre essas lições. A turma ansiosamente o atacou com humor e continuaram rindo quando se lembraram da situação durante as aulas seguintes. Exemplos como esses, nos faz refletir com quais estratégias lidamos com os sentimentos difíceis dos alunos. Identificação dos sentimentos. Identificação dos sentimentos: Crie um alfabeto das emoções, sinônimos dos sentimentos, pote das emoções, ou outras formas de ajudar a identificar o que os estudantes

	estão sentindo. Lembrando que o intelecto e a emoção andam juntas em uma relação de interdependência. Expressão dos sentimentos/ Expressão dos sentimentos através da arte. Expressão: Possibilitar ambientes onde as crianças possam expressar seus sentimentos através de atividades, de dinâmicas ou através da arte: artes visuais, música, representações, escrita criativa e escultura; Educação para os valores humanos. Valores humanos: crie uma lista de alfabeto de valores comuns. Encoraje os estudantes a identificarem e criar exemplo de atitudes que representam: altruísmo, humildade, coragem, justiça, determinação, lealdade, empatia, paz, fidelidade, autodisciplina, generosidade, honestidade, consideração, interdependência, criatividade, amor, entre outros.
ESCREVER UM DIÁRIO;	Sugestões para o uso de um diário de aula. O ideal seria incorporar a escrita do diário às atividades em sala de aula. O local onde eles anotam o que eles aprenderam de novo hoje, o que eles gostariam de aprender. A escrita do diário pode ajudar os alunos a acompanharem seus progressos mais de perto. Manter um diário para um insight pessoal. Além de servir para insight pessoal, onde os alunos podem refletir sobre sua inteligência intrapessoal.
CONHECER A SI MESMO ATRAVÉS DOS OUTROS;	Obtenção de insights intrapessoais a partir do retorno interpessoal. Incentivar os alunos a conhecerem o interesse dos outros, através de várias estratégias, como entrevista com roteiro específico de um componente, instrução entre pares etc. Quando os alunos interagem com outras pessoas, o seu conhecimento sobre si mesmo é melhorado.
REFLETIR SOBRE O MILAGRE E PROPÓSITO DA VIDA;	Atividades em sala de aula para nutrir o sentimento de admiração. Através da criação de poemas, mitos, lendas, histórias fantásticas, os alunos podem refletir sobre o mistério da vida. As crianças podem escrever, desenhar ou compor uma música sobre um acontecimento que tenha modificado suas vidas. Podem ser iniciadas discussões sobre o que é valioso e importante na vida. Reagir às qualidades, valores e ações dos personagens de uma história. Encontrar propósito na vida e na escola.

	Os alunos querem e merecem saber a importância daquilo que estão aprendendo para as suas vidas. Faça perguntas do tipo: Em quê você é bom? Com o quê você mais se importa? O que você sempre soube? O que você se sente obrigado a fazer? Este é um modo de fazer com que os alunos comecem a buscar um propósito para aquilo que fazem, principalmente nas escolas.
APRENDIZAGEM AUTODIRIGIDA: UMA ABORDAGEM INTRAPESSOAL;	Sugestões para a implementação da aprendizagem autodirigida. Possibilitar aos estudantes que escolhem o seu próprio roteiro de aprendizagem onde ele mesmo vai sugerir tópicos de interesse pessoal e montar sua agenda de estudo. Ensinar habilidades de aprendizagens independentes que incluem tomada de decisão, resolução de problemas, estabelecimento de objetivos, gerenciamento do tempo e autoavaliação. O papel do professor evolui de ensinar conteúdo, para ensinar processos de aprendizagens. Fazendo com que os alunos tenham sucesso no planejamento e administração de uma aprendizagem independente.
A TECNOLOGIA QUE APRIMORA A INTELIGÊNCIA INTRAPESSOAL.	Tecnologia como aporte para a própria aprendizagem e desenvolvimento intelectual. Facilitar a inteligência intrapessoal através da tecnologia, programas, jogos, plataformas digitais, aplicativos. Usar a tecnologia como um instrumento de expansão do cérebro humano e exploração da inteligência intrapessoal.

Fonte: Adaptado de CAMPBELL, CAMPBELL, DICKINSON, 2000, p.178-200.

As informações apresentadas acima (Quadro 1) indicam uma visão bem detalhada sobre as possibilidades de abordagens voltadas ao desenvolvimento da inteligência intrapessoal e o valor dela aplicado à vida dos estudantes.

Os pontos compartilhados revelam que os espaços de aprendizagens intrapessoais são possíveis e que as estratégias são amplas em relação a isso. Além disso, os professores são convidados a sempre estarem analisando e estudando novas estratégias para aprimorar suas metodologias.

Observamos que as habilidades intrapessoais auxiliam os alunos a aperfeiçoar as habilidades cognitivas e intelectuais, pois auxiliam na concentração, no direcionamento e equilíbrio dos interesses, na autoavaliação, percepção das

necessidades e ressignificação de saberes por parte dos estudantes. Desse modo, pode-se afirmar que a inteligência intrapessoal é uma colaboradora nos momentos de aula e de atividade e que, com ela, pode ser garantido maiores possibilidades de aprendizagens.

Considerando a influência que a inteligência intrapessoal em facilitar a internalização dos conhecimentos, pelo fato de auxiliar os alunos a compreenderem como aprendem e porque aprendem, ela pode ser denominada como um instrumento facilitador para as demais aprendizagens, pois como já foi afirmado em outro momento, as inteligências pessoais abrem portas para as outras inteligências.

É importante frisar que os desafios das diversas realidades das salas de aula são diversos e podem acabar desencorajando os esforços docentes que já lidam com demandas e problemas externos e internos.

Existem variados obstáculos que tentam desanimar os professores nesse percurso, por isso, é importante considerar as formações e os espaços de escuta e construção de estratégias. Neste aspecto tanto a gestão escolar quanto às secretarias de educação tem papel fundamental no apoio, fortalecimento da confiança, encorajamento e acolhimento dos profissionais.

Sabendo disso, cabe afirmar que a inteligência intrapessoal é orgânica e processual, não depende só dos professores, mas de todos que fazem parte da educação. Compreende-se também que a inteligência intrapessoal pode ser desenvolvida e aprimorada pelos alunos e que nesse processo desafiador, todos saem ganhando, pois ao aplicar o conhecimento, os docentes primeiro refletem-se sobre si mesmos. Dessa forma os professores podem se encontrar dentro do processo de autodescobrimento, tanto quanto os outros participantes.

Em suma, pôde-se perceber que a inteligência intrapessoal é inerente à vida, pois conhecer a si mesmo é o único caminho para conduzir os estudantes às boas práticas, decisões, comportamentos, e outros temas que envolvem o lado interior.

É preciso ter mais movimentos voltados para esta reflexão, para o desenvolvimento da autonomia, da autodescoberta, da construção de identidade, do autogerenciamento emocional, da autoavaliação, da autocrítica, da autoestima, da autovalorização, da autorresponsabilidade, da autoconfiança, da autoconsciência e da autoconstrução de si mesmo.

Paulo Freire (2018) diz que não nascemos prontos e acabados, mas temos o poder de criar e recriar-nos constantemente. Por esse motivo, cabe à sociedade, em geral, garantir espaços para esta autoconstrução, principalmente nas escolas, com professores capacitados, com currículos possibilitadores, ambientes preparados para o acolhimento desta necessidade.

As inteligências pessoais são aprendidas e desenvolvidas de forma entrelaçadas, por isso, nas páginas seguintes será pontuada a inteligência INTERpessoal, os conceitos, a relevância e as estratégias sugeridas para potencialização da habilidade exterior, bem como sensibilidade da valorização e promoção do seu espaço no ambiente escolar.

2. 2. INTELIGÊNCIA **INTERPESSOAL**: CONCEITOS E ESTRATÉGIAS.

A **inteligência interpessoal**, diferentemente da intrapessoal, é voltada para fora, para o outro. Na definição gardneriana é “a *capacidade de observar e fazer distinções entre outros indivíduos* e, em particular, entre seus humores, temperamentos, motivações e intenções” (Gardner, 1994, p. 185). Inicialmente, esta definição apresenta a sua forma mais elementar do conceito, mostrando o emprego desta inteligência no cotidiano.

Fazer distinções significa reconhecer os diferentes tipos de comportamentos humanos de modo a compreender qual a intenção, a motivação e a influência de outra pessoa sobre si. Este discernimento favorece muito nas escolhas das amizades e demais relacionamentos, daqueles que escolhemos manter ao nosso lado e, apesar de ser diferente, está intimamente ligada à inteligência intrapessoal.

Na forma mais avançada, Gardner (1994), afirma que a inteligência interpessoal concede a habilidade de fazer leitura de intenções e desejos, mesmo quando ocultados, e capacidade potencial de agir sobre isso de forma influente, assim, grandes líderes possuem alta capacidade interpessoal.

Dado estes conceitos, podemos inferir que a inteligência interpessoal é a mais procurada por pais e professores, devido a contribuição visível que apresenta. O anseio em ver as crianças interagindo umas com as outras, acolhendo e construindo bons relacionamentos é constantemente visto nas escolas.

Uma das perguntas mais usadas nas reuniões de pais é em direção ao comportamento com os professores e com os outros. Haja vista que estamos na linha de frente da educação e precisamos mediar os comportamentos e relacionamentos dos educandos. Por esta razão, acreditamos que a postura docente frente a realidade citada pode nortear fortemente as atitudes dos estudantes.

A inteligência interpessoal é a inteligência dos relacionamentos humanos, é ser capaz de agir e interagir, reconhecendo o outro e entendendo que tão complexo quanto o nosso, é o mundo das outras pessoas. Uma relevante habilidade nesse conceito é a empatia, a condição de perceber o outro em suas particularidades.

Campbell, Campbell e Dickinson (2000), afirmam que habilidades interpessoais florescem quando trabalhamos juntos. Não é de se admirar que as crianças consigam progredir mais facilmente quando estão nas salas de aula, seja

nas atividades em grupos, nas brincadeiras, nas trocas e diálogos com os professores e seus colegas.

Algumas crianças, segundo os autores, mostram um compromisso autêntico, sensibilidade aos sentimentos dos demais, curiosidade e respeito acerca das outras culturas, além de saber ajudar os outros e apreciarem valores e opiniões diferentes (Campbell, Campbell e Dickinson, 200).

Nas aulas de história, por exemplo, um componente que possibilita maior informações sobre outros tipos de culturas, as crianças têm um espaço oportuno para exercitar a inteligência interpessoal. O conteúdo ministrado depende de quem o ministra, se o docente propiciar um ambiente seguro para as habilidades relacionais, a aula terá maior significado para os estudantes e com certeza mais participação.

Esses comportamentos, como Gardner (1994) propriamente afirma, está diretamente ligada a fatores internos e externos, à exposição e aproximação de pessoas com habilidade interpessoal, além e, principalmente do fator biológico e amadurecimento do cérebro.

Sobre o desenvolvimento das inteligências interpessoais, podemos verificar que existem diversos desafios a serem superados. A superproteção dos pais frente ao século e o avanço tecnológico que se desdobra em vários aspectos, revelam diversas dessas dificuldades.

Nesse sentido, o desafio do excesso de uso das telas, a troca do mundo real pelo virtual, o isolamento, e não se trata de um isolamento obrigatório como foi na Pandemia de 2019, mas o gostar de estar 'só', conectado aos jogos, séries, entre outras formas de entretenimento, têm sido alguns tipos de barreiras enfrentadas. Estes e muitos outros fatores se caracterizam como obstáculos à promoção do desenvolvimento interpessoal e devem ser assuntos discutidos dentro e fora de sala.

Em relação às fases do desenvolvimento das inteligências pessoais, Gardner (1994), inicialmente apresenta que o bebê, aos dois meses de idade, é capaz de imitar as expressões faciais de outros indivíduos, tendo uma 'pré-sintonização' aos sentimentos dos outros. Consegue, progressivamente, reconhecer a voz do pai e da mãe e diferenciá-las das vozes estranhas. Após os 10 meses de vida, já consegue emitir os primeiros sinais de empatia e demonstrar-se sensibilizada ao ouvir o choro de alguma outra criança.

Outros estudos mostram que o contato interpessoal acontece antes mesmo de nascer e verificam que as crianças ainda no útero têm diferentes reações aos estímulos externos.

Desse modo, podemos concluir que ainda bebê, os seres humanos iniciam seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento interpessoal, ele está começando a conhecer o mundo exterior a aventurar-se pela barriga da mãe, a conviver com a voz daqueles que estão do lado de fora e que ao nascer, desejará mais ainda entender o que está acontecendo ao seu redor.

Após os primeiros indícios dos relacionamentos externos, a fase que se segue é a da criança de dois a cinco anos. Nela, Gardner (1994), menciona que a criança passa a referir-se aos outros seres através da fala, chamando-os pelos títulos “pai”, “mãe”, etc. Do mesmo modo, o teórico aponta que, no fim deste período, a criança já se torna um ser simbolizante, ou seja, consegue criar suas próprias interpretações e extrair significados das situações externas.

Além disso, na idade de 5 anos, as crianças lançam mão de um sistema preparado pela sua comunidade com as regras, valores e significados construídos historicamente. Elas conseguem recorrer a este sistema de interpretação para basear suas experiências com os outros. Uma dessas maneiras, segundo Gardner (1994) é a exploração dos diferentes papéis visíveis na comunidade.

Através da fala, do faz-de-conta, de gestos, desenhos e similares, a criança pequena experimenta facetas dos papéis de mãe e filho, médico e paciente, polícia e ladrão, professor e aluno, astronauta e marciano. [...] Além disso, as crianças vêm a correlacionar o comportamento e os estados de outras pessoas com suas próprias experiências pessoais (Gardner, 1994, p. 191).

As histórias infantis são excelentes suportes pedagógicos para este período, pois possibilita conhecer e se reconhecer dentro de diversas realidades. Histórias comumente usadas como “Bibo na escola”, de Silvana Rondônia, “Chico Chiclete”, de Maria Ramos e “A escola do Marcelo”, de Ruth Rocha, são alguns exemplos de textos utilizados para melhorar a adaptação de crianças recém-chegadas na escola.

Nos primeiros dias de adaptação podemos observar como os indivíduos estão sensíveis a compreender o que está acontecendo ao seu redor. Uma gama de

sentimentos internos são externalizados e os professores são desafiados a mediar estes conflitos.

Num primeiro momento, se recorre a conscientização das crianças sobre o retorno dos pais, e no segundo momento à interação delas com as demais crianças da sala. Nesse ínterim, os estudantes trocam experiências e participam das histórias, mergulhando no mundo da imaginação, se colocando em diversas situações e papéis, que lhes possibilitam entender a realidade.

Ainda nesta idade, Gardner (1994), afirma que, de acordo com os relatos dos mediatizadores, Lev Vygotsky e Alexander Luria, as crianças passarão a se conhecer e desenvolver maiores habilidades inter-relacionais na interação com as outras pessoas. Afirmando que a criança é inerentemente social, portanto, baseia-se nos outros para construir sua própria Identidade.

A abordagem socialmente orientada reconhece que a criança não se desenvolve em isolamento: ela é inevitavelmente um membro da comunidade, e sua noção de como os indivíduos são não pode se desenvolver no vácuo (Gardner, 1994, p. 192).

Desse modo, compreendemos que nesta idade a criança é levada a construir muitas habilidades interpessoais, torna-se participante da escola e lhe é concedida um sistema de interpretação, seu círculo de pessoas e novas culturas é ampliado e, além disso, consegue agora interpretar novos papéis sociais nas histórias infantis, nos momentos de aula e brincadeiras no espaço escolar.

Na medida em que a criança vai se estabelecendo na escola, uma nova fase do desenvolvimento interpessoal se inicia. Gardner (1994) a denomina como “A criança em idade escolar”. Neste período a criança já tem atingido certo domínio dos papéis sociais, tem trabalhado o conceito de responsabilidade e reciprocidade.

Com tudo isso, torna-se agora um ser voltada para o outro, para estabelecer-se na comunidade. Inicia-se, segundo o teórico, um declínio do nível do egocentrismo. Não um declínio total, mas inicial, que a faz estabelecer uma diferença delineada das suas perspectivas e das dos outros. Sobre a criança desta fase, Gardner (1994), afirma que

ela deve comportar-se com os outros de determinadas maneiras, para que eles tendam a retornar o favor, ela vê as coisas de uma

determinada forma devido a sua própria perspectiva, porém possui o potencial de “vestir” a lente dos outros e aprender tanto as questões materiais quanto pessoais a partir do ponto de vista deles (Gardner, 1994, p. 192).

Portanto, a criança começa a utilizar mecanismos para conviver e influenciar o meio. Torna-se flexível, podendo adaptar seus comportamentos diante das novas realidades e gerenciá-los de acordo com o comportamento dos outros, sendo influenciada e influenciando.

Neste ciclo, ampliam suas amizades, expandindo-se para além do círculo familiar, além disso, busca por justiça e é capaz de reconhecer as intenções e motivações de outras pessoas. Gardner (1994), também ressalta que as crianças de seis a oito anos, estão preocupadas com a aquisição de novas habilidades e desejam ser cada vez mais um membro representativo na comunidade em que está inserida, rodeada por um temor de se sentir inadequada ou ser inábil.

Percebemos na escola, a culminância desse período, existe uma ansiosa preocupação com a aprendizagem, de forma geral. Elas estão percebendo suas inseguranças mediante a vivência com os outros e, ao mesmo tempo que isso parece incentivar sua conquista, precisamos, como professores, ter o cuidado com as comparações diante dos colegas.

As dinâmicas e jogos em equipes são, de fato, importantes para a construção de suas habilidades interpessoais, porém devem ser mediados e observados para não causar desmotivação ou medo exagerado nos estudantes.

A competição saudável é planejada e previamente orientada, podendo trazer bons resultados ao incentivar os estudos individuais das crianças, portanto deve ser trabalhada com máximo cuidado e propósito bem definidos e conscientizados, do início ao fim.

Na etapa da criança em fase escolar é possível abordar diversas estratégias que podem potencializar a inteligência interpessoal, logo porque ela traz maiores possibilidades, situações e recursos que podem ser utilizados para aproximação e relacionamento com outros indivíduos. A escola, por si só, é um ambiente propício para esta aprendizagem, portanto, os professores podem mediar consideravelmente estas relações.

O próximo estágio do desenvolvimento interpessoal é a Meia Infância. Gardner (1994), delimita-o até o início da adolescência. Neste período, afirma que “há

tendências continuadas em direção a uma sensibilidade social, em direção a um senso mais aguçado das motivações dos outros” (Gardner, 1994, p. 193).

As crianças tendem a formar mais amizades e envolver-se profundamente nelas. Do mesmo modo que sofrerão mais intensamente as rupturas sociais. O teórico ressalta que nesta idade os estudantes empenham grandes esforços para cimentar seus lugares dentro de uma rede de amigos. Sobre isso, ele aponta que a vida escolar seria como uma ‘onda’ afortunada para aqueles que forem incluídos, mas uma desolada para os que não forem.

Durante este período podemos confirmar a presença destas duas realidades, a exclusão e inclusão, por circunstâncias diversas, as crianças são levadas a selecionar alguns indivíduos em detrimento de outros. Porém, sendo um estágio de alta sensibilidade, esta realidade pode ser contornada, haja vista que a capacidade de se colocar na pele do outro torna-se mais intensificada.

A fase da meia infância é, pelo teórico, uma fase recursiva do conhecimento pessoal, maior ainda que a etapa anterior, devido às maiores capacidades mentais que os indivíduos desenvolvem de agir e pensar sobre as interações com os outros.

Um apontamento valioso de Goleman (2012), discorre sobre a importância da sintonia no relacionamento entre professores e alunos. Ele enfatiza que, segundo seus estudos, quanto mais estreita for a sincronização, mais amigáveis, satisfeitos, entusiasmados, interessados e abertos serão os estudantes.

Sobre sincronização, ele expõe que John Cacioppo, um psicofisiologista social da Universidade do Estado de Ohio, descobriu que quando duas pessoas interagem há uma transferência emocional, e a intensidade dessa interação pode ser organizada de acordo com os movimentos físicos. Em outros termos, o teórico expõe que “a coordenação de estado de espírito é a essência da relação” (Goleman, 2012, p. 137).

De forma mais direta, o nosso humor, comportamentos e expressões podem recriar emoções em outras pessoas, e assim vice-versa. A chave para a promoção de um espaço sintonizado é a coordenação daquilo que recebemos por parte dos alunos.

Como conduzimos a ‘plateia’, com qual tom emocional e com qual reação, isso determinará nossa influência e capacidade de mediação em sala de aula. Somos capazes de direcionar a capacidade emocional de outros indivíduos, é um arrasto emocional e um poder de influenciar pessoas (Goleman, 2012).

Nesse sentido a influência também pode ser negativamente sintonizada, quando um estado de espírito negativo é sintonizado nos participantes. Cabe ao professor coordenar os momentos e direcioná-los. Uma forma de fazer isto, é transmitindo afeto, parceria e oferecendo boas sintonias aos seus alunos.

Outra fase bastante desafiadora e elencada por Gardner (1994), é a adolescência. Uma tempestade de emoções internas e externas começam e se consolidam nesta fase. É real que a fase da adolescência é um período composto por mix de interpretações.

O teórico afirma que nesta fase os indivíduos estão mais sintonizados psicologicamente, conseguem perceber e avaliar seus comportamentos e são mais sensíveis aos outros. Procuram, conjuntamente, apoio emocional na formação das amizades que estão em busca de pessoas que os valorizam por aquilo que são e não por posses materiais (Gardner, 1994).

Há, nesta etapa, um crescente entendimento do mundo social. Os adolescentes reconhecem as regras pré-estabelecidas, porém, buscam por motivos e desejam entender o porquê das coisas. Desse modo, passam a ser mais questionadores e críticos da realidade, carregam um senso de justiça indispensável e já conseguem reconhecer na sociedade o sentido de equidade e de desigualdade, podendo numa disputa considerar os fatores individuais de cada um.

A fase da adolescência é uma fase de extrema sentimentalidade, os indivíduos desejam mais que antes serem amados, compreendidos e acolhidos, e expressam isto da maneira que sabem, mesmo que de forma negativa.

Além disso, essa época turbulenta, segundo Gardner (1994), é carregada de considerável pressão em torno da sua formação, em conjunto com os problemas da puberdade, a paixão, desejo de reconhecimento, entre tantos outros aspectos que pressionam os adolescentes a tomarem decisões.

Para o teórico, os adolescentes se deparam com uma cultura “onde expectativas sociais externas mostram ser determinantes, e as aspirações próprias do indivíduo sejam relegadas a um status marginal” (Gardner, 1994, p. 195).

A fase vital da adolescência é duplamente intrigante. Se por um lado você tem um arsenal de desafios prontos para barrar o desenvolvimento social, por outro lado, temos uma gama de possibilidades e recursos à disposição dos educadores. Haja vista que é preciso ter mais sensibilidade aos sentimentos dos estudantes,

compreender seus contextos sociais, demonstrar afeto, oferecer ajuda nas tarefas e não fabricar mais desconfortos, que muitos já tem.

A fase posterior citada por Gardner (1994) é a do “Senso de eu maduro”. Nesta ele expõe que alguns pensadores tentaram descrever o que acontece com o desenvolvimento da inteligência interpessoal.

Em sua definição, ele cita que alguns pensadores descrevem os indivíduos como uma coletânea de ‘eus’ sociais que são chamados de acordo com a necessidade. Neste sentido, a maior habilidade descrita aqui é a da ‘know-how’ interpessoal, ou seja, a capacidade de saber como selecionar e utilizar suas diversas personalidades em contextos diferentes ou iguais. Além disso, descrevem que o contexto em que os indivíduos estão inseridos e os papéis exigidos determinam seu comportamento final.

Em suma, nestas etapas, Gardner (1994) apresentou como a maturação social normalmente acontece, desde os primeiros anos de vida do bebê até a fase do “eu maduro”, onde os indivíduos já conseguem fazer uso consciente das suas características em prol de si mesmo e das outras pessoas.

Como podemos implementar a teoria da inteligência INTERpessoal?

Diante das fases apresentadas podemos colocar que existe uma urgente necessidade de abordar a inteligência interpessoal na escola. Para Goleman (2012) esta é a arte de viver em sociedade. As aptidões sociais segundo o mesmo permitem “moldar um relacionamento, mobilizar e inspirar os outros, vicejar em relações íntimas, convencer e influenciar, deixar os outros à vontade.

Para Campbell, Campbell e Dickinson (2000), outra consideração importante das inteligências pessoais é o fato de ser colocada à serviço de bons fins sociais como melhorar a vida do outro, formar e manter relacionamentos, criar diálogos divertidos, aconselhar, trabalhar em equipe etc., para isto os professores podem utilizar diversas estratégias que possibilitarão o exercício das relações interpessoais.

Em vista do que foi dito, elaboramos, dos escritos dos autores, um quadro de estratégias para a promoção de práticas que valorizam a inteligência abordada. O quadro foi pensado como forma de servir às práticas docentes de modo geral.

A estrutura foi construída com o intuito de melhorar a visibilidade das estratégias e possibilidades. Segue-se, portanto, alguns métodos que podem ser manejados em sala de aula para a habilitação de um ambiente possibilitador das aprendizagens interpessoais.

QUADRO 2: Estratégias e sugestões para auxiliar docentes no desenvolvimento das habilidades interpessoal na escola.

9 ESTRATÉGIAS	SUGESTÕES
ESTABELECIMENTO DE UM AMBIENTE INTERPESSOAL POSITIVO;	Critérios para a formação de grupos eficientes • Promover a interação extensiva e positiva entre alunos e professores, tendo como base o sentido de comunidade escolar ou 'família escolar'; • Estabelecer regras mutuamente com os alunos. Os chamados Contratos Didáticos. Explorando valores humanos como solidariedade e justiça (Metodologia ativa: Aprendizagem baseada em problemas); • Organizar atividades cooperativas e interdependentes, onde os grupos possam trabalhar em conjunto (Metodologia ativa: Instrução entre pares); • Estabelecer a visão da aprendizagem com a missão da sala: os alunos precisam aprender que para a missão ser completada todos precisam aprender; • Funções e tarefas devem ser bem distribuídas de modo que as crianças se sintam valorizadas dentro da comunidade. Estabeleça funções a grupos pequenos e metas diárias. • Promover atividades de aprendizagem prazerosas a partir de métodos eficazes: metodologias ativas, aula operacional, dinâmicas etc. Gerenciando o clima mais alegre e menos tensão na aula;
	Estabelecimento de valores e dos Regulamentos na Sala de Aula. Muito além do Contrato Didático, os professores podem organizar com os alunos uma Constituição da turma, na qual possam recorrer durante o ano, exemplo: Leis Da Turma do 3º ano do EFAI Capítulo 1 - Direitos da turma Art. 1º Todos nesta turma têm o direito de aprender; Art. 2º Todo aluno será criativo e original; Art. 3º Todo aluno pensará e aprenderá de muitas maneiras; Art. 4º Todos têm o direito de se divertir enquanto aprendem; Art. 5º Todos têm direito de ser amigo uns dos outros; Capítulo 2 - Dos Deveres da Turma Art.6º Ninguém poderá retirar o direito de aprender das crianças, seja com barulho, ou comportamentos inadequados; Art. 7º Todos devem manter o silêncio quando outro aluno estiver lendo algum texto para a turma ou expondo seus conhecimentos.

	Reuniões em Sala de Aula. • As reuniões em sala auxiliam nos relacionamentos da turma. São usadas para tratar assuntos diários da turma, como comportamentos inadequados ou angústias em relação ao futuro (Podendo recorrer ao Contrato Didático ou Constituição da sala); • A varinha da fala ou bastão da fala é uma forma utilizada por povos nativos para guiar a vez da fala em uma roda de pessoas. Basicamente, é utilizado um recurso que passará de mão em mão priorizando a fala de quem o estiver segurando. • No geral, garanta que todas tenham sua vez de falar e nesses momentos realize mediações até encontrar possíveis soluções; • Conscientize as crianças a se colocarem no lugar do outro e se empenharam a ouvi-los e buscar soluções; • Entenda que não conseguiremos resolver todos os problemas, mas você pode deixar registrado as questões que ficaram pendentes e se reunir 1 vez na semana; • As reuniões em sala, podem levar o tempo de aula de outro componente que esteja adiantado. Os alunos se sentem valorizados e sentem confiança no espaço escolar.
APRENDIZAGEM COOPERATIVA;	Considerações sobre Agrupamentos Cooperativos • Nas atividades de cooperação, inicialmente, os tamanhos dos grupos devem ser pequenos, variando de dois a quatro membros. À medida em que são capazes de trabalhar em equipe, os grupos podem ser maiores. • Os grupos cooperativos, vão para além do mapeamento da sala. Eles são formados em função da aprendizagem colaborativa; • Pesquisadores afirmam que grupos mistos podem ser mais bem-sucedidos; • Grupos que se reúnem regularmente durante um longo período também tendem a ser mais bem-sucedidos. • Os professores podem experimentar uma variedade de grupos para determinar qual tipo é mais adequado; Os papéis dos alunos. • Os papéis podem assumir formas de trabalhos específicos; • Cada aluno pode receber números individuais e serem escolhidos para representar sua equipe executando determinada tarefa; • Atribuir tarefas individuais também auxilia na construção da responsabilidade individual e interdependência colaborativa; Habilidades Sociais. • As habilidades sociais organização, comportamento adequado, criticar e avaliar ideias ou elogiá-las e construir

	outras soluções, são habilidades aprendidas em trabalhos cooperativos; • Os professores devem identificar uma habilidade social para os grupos incorporarem em suas atividades (esta orientação deve ser feita antes da formação dos grupos); • Ao serem internalizadas, elas permitem que os alunos trabalhem de forma efetiva e autoconsciente com seus pares. As habilidades sociais são importantes para toda a vida; Atividades de Aprendizagem Cooperativa. • Retiradas do livro <i>“Structuring Cooperative Learning: Lesson Plans for Teachers”</i>, de Roger e David Johnson, duas atividades foram elencadas como recursos úteis de sala de aula: • Jigsaw ou Quebra-Cabeças: é uma técnica de solidificação dos conhecimentos envolvendo grupos. Resumidamente, a técnica ocorre da seguinte forma: separe a sala em grupos pequenos, previamente divida um conteúdo em partes e distribua entre os estudantes. Os alunos que ficaram com o conteúdo igual devem se reunir e elaborar formas de passar aos outros o que sabem sobre aquele conteúdo. Assim sucessivamente é feito um rodízio de aprendizagens. (Lembre-se que toda técnica pode ser adaptada, dependendo da idade) • Resolução de Problemas em Voz Alta: No primeiro momento, conscientiza-se os alunos sobre a habilidade social que será desenvolvida nesta atividade. Logo após é entregue aos estudantes uma folha de exercícios. Cada grupo dividirá as questões e terão que, em voz alta, exemplificar e discorrer sobre a solução do problema. Cada grupo deverá certificar-se que todos entenderam a explicação; Essas atividades foram elencadas como possibilidades podendo ser adaptadas e servem como convite à imaginação dos docentes;
GERENCIAMENTO DE CONFLITOS;	Algumas causas comuns do conflito. Muitos podem ser as causas para os conflitos na sala, alguns exemplos são: necessidades individuais não satisfeitas, podes distribuído de modo desigual, prioridades diferentes, percepções diferentes etc. (Além desses, aspectos bem pessoais podem ser incluídos, como os familiares etc.) PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE CONFLITOS DE GORDON Passo 1: identificar e definir o conflito. Passo 2: Identificar as possíveis soluções. Passo 3: Discutir as possíveis soluções. Passo 4: Escolher a melhor solução. Passo 5: Desenvolver um plano para implementar a solução. Passo 6: Implementar, rever e modificar a solução; Para apresentar esse processo aos alunos, os professores devem pedir à turma que indique um conflito comum (atraso dos

	alunos, falta de atenção nas atividades). Logo após, convidar voluntários à frente para fazer uma representação fictícia do fato. Como por exemplo, um representará o aluno que está 'matando' e o outro o professor que está preocupado. A representação deve incorporar os seis passos de Gordon, com a turma observando o procedimento. Em seguida, os professores separam a turma em grupos e todos devem pensar em soluções práticas para o conflito seguindo as orientações dos 6 passos. Depois, juntos novamente, todos devem pensar em formas de implementar o plano elaborado. Muitas formas podem ser utilizadas na resolução de problemas, como programas e mentorias. Existe um programa norte-americano, ICPS, do inglês, I Can Problem Solve (Eu Posso Resolver Problemas), que ensina crianças de famílias de baixa renda habilidades interpessoais e tem diminuído os indicadores de violência, isolamento social, entre outros.
APRENDER PELO SERVIÇO;	Integração do Serviço a um Programa Escolar. Em algumas escolas, o serviço comunitário é uma parte integrada e exigida no currículo escolar. Os professores que não tiverem esses serviços agregados no currículo podem optar por projetos sobre o lixo, cuidados com a natureza e plantação de mudas etc. O objetivo é implementar práticas de serviços. Algumas sugestões detalhadas abaixo: 1. <u>Centro de informação para voluntários</u>: estabelecer na escola um local central onde os alunos possam identificar oportunidades de participarem de alguma atividade ou projeto comunitário (Como explicado, esse projeto pode ser realizado por outras turmas, ou por grupos específicos, caso a escola não aborde como programa curricular). 2. Clube ou atividade paracurricular: São atividades organizadas pelos próprios alunos ou através de clubes externos à escola, nesse contexto os professores são apenas conselheiros; 3. <u>Crédito pelo serviço comunitário</u>: algumas escolas adotam o modelo de não somente incentivar a aprendizagem por meio do serviço mais ainda oferecem créditos aos alunos de acordo com as diretrizes da escola. Pode servir como hora extra, pontuação em avaliações. Nessa estrutura, os alunos podem criar propostas de atividades estruturando o tempo, o propósito, o serviço e o objetivo a ser alcançado. O professor ou coordenador avalia a proposta e também avalia quando o projeto for concluído. Os alunos conduzem seus projetos fora do horário de aula como uma atividade para cada independente; 4. <u>Serviço como aplicações autênticas de um curso existente</u>: neste tópico o foco é exclusivamente trabalhar com projetos dentro de um curso da faculdade ou de uma

	disciplina. Por exemplo, se uma escola tem alguma cozinha experimental, os alunos podem trazer ingredientes e distribuir lanches para grupos específicos. Se possui curso de técnicas industriais os voluntários podem criar móveis para pessoas com necessidades especiais etc. Cabe aos professores nortear esse processo. 5. <u>Turma de serviço comunitário</u>: geralmente são turmas de estudos sociais criados na escola. Os alunos têm dentro da carga horária, comumente passam 4 dias na semana na aula de campo, realizando algum serviço programado da disciplina e um dia em sala, para discutir a experiência. 6. <u>Serviço comunitário como um compromisso de âmbito escolar</u>: acontece quando o serviço comunitário não é uma atividade isolada mas uma parte integral do programa escolar. Cada departamento da escola pode identificar maneira de aplicar o conhecimento e as habilidades de sua disciplina para melhorar a qualidade de vida local. Alguns exemplos: • Os alunos podem escrever cartas de incentivos aos idosos ou jovens que estão em algum estado vulnerável (Português); • Os alunos podem tirar um dia da semana para realizarem uma coleta de lixo ao redor da escola na praça (Ciências); • Os alunos podem criar cartazes de e folhetos sobre direitos e deveres das crianças e distribuir na vizinhança (História); • Os estudantes podem organizar uma arrecadação de alimentos ou roupas para doação (Geografia); No geral, estar engajado em serviços e projetos além de trazer benefícios cognitivos, psicomotor, também potencializa habilidades pessoais, como empatia, ética, proteção e ajuda ao próximo, solidariedade, entre outros.
RESPEITAR AS DIFERENÇAS;	Ensinar aos alunos os estilos de aprendizagens. Realizar atividades que envolvam o reconhecimento das diferenças como: 1. O professor diz uma palavra e os alunos anotam a primeira frase ou palavra que vem em mente. 2. Tarefas com ilustrações visuais de ilusão de ótica, exemplo do chapéu e do elefante. Entre outros tipos de ilusão de ótica para abordar perspectivas diferentes; 3. Resolução de problemas ou quebra-cabeças usando diferentes processos. Ao percorrer caminhos diferentes você pode abordar os diferentes pontos de vista em relação a um problema; 4. Falar sobre si mesmo, sobre suas atividades de lazer preferidas. Ao abordar sobre si mesmos os alunos podem perceber suas diferenças e trabalhar questões sobre características pessoais, gostos e personalidades; Entre estas e outras formas de abordar os assuntos sobre o papel, o valor e a importância das diferenças na vida humana, os professores podem se engajar em outras atividades mais dinâmicas ou fora de sala;

DESENVOLVIMENTO DAS PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS;	Quem somos nós. Elaborar atividades que apresentem às crianças o conceito de perspectivas múltiplas, explorando as discrepâncias entre a autopercepção e as percepções dos colegas de sala de aula. FIGURAS DE COLAGEM: atividade para trabalhar a visibilidade das crianças na sala e o reconhecimento entre os seus pares. 1º Passo: pedir aos alunos para criarem ‘figuras de colagem’ em casa, omitindo qualquer foto ou nome que os identifique. 2º Passo: o professor em sala pode distribuir revistas antigas, livros, etc., onde os alunos pode usar para retirar essas figuras, ou podem imprimir em suas casas (heróis, hobbies, imagens de quando era bebês, etc.); 3º Passo: logo após a criação desses cartazes com colagens, os alunos trazem para a escola em uma data marcada (todos devem trazer em uma sacola escura). Em roda de conversa, ou usando outros métodos, os professores apresentam os cartazes às crianças e silenciosamente elas escrevem o nome no papel, entregue previamente, de quem elas acreditam ser o dono daquelas colagens. 4º Passo: no último momento os verdadeiros criadores se apresentam e são discutidos assuntos sobre a percepção do outro sobre nós e sobre a nossa, sobre nós. Além disso outras questões podem vir à tona com esta atividade como trabalhar o PRECONCEITO, o sentido original da palavra e etc. Compreensão dos Pontos de vista diferentes. <u>Adaptações de histórias:</u> adaptar histórias conhecidas pelas crianças é uma das atividades para se trabalhar os diferentes pontos de vista. “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, de Jon Scieszka, reconta a famosa história dos Três Porquinhos na perspectiva do lobo. Em vez de um lobo mau e carnívoro, como retratado na versão original da história, o Sr. A Lobo explica que estava somente sofrendo de alergia, o que o levou a puxar o ar e soltar. Trazer essas e outras histórias adaptadas podem fazer as crianças pararem para refletir os diferentes modos de ver as coisas e estudar sobre o senso de justiça. <u>Lista de acontecimentos:</u> na lista de acontecimentos, os professores selecionam uma sequência de fatos sobre um determinado assunto, exemplo: 1. Você ganha uma viagem para o Egito; 2. Você é convidado para conhecer uma tumba de Faraós; 3. Você encontra amigos que nunca mais você tinha visto lá; Assim por diante, o jogo acontece com os professores relatando o primeiro fato, os alunos tentam descobrir o segundo. A brincadeira estimula a expressão das diferentes opiniões e incentiva crianças muito caladas a expressarem seus pontos de vista. Outra forma de fazer a brincadeira acontecer é escolher um participante para receber a notícia e as crianças tentam adivinhar suas reações. Assim pode ser trabalhado muitos outros aspectos como nossa perspectiva sobre os outros, a empatia, a compreensão etc.
--	---

	Representação dos Acontecimentos Atuais a partir de Perspectivas Diferentes. Os alunos são divididos em grupos, cada um responsável por pesquisa um artigo ou uma notícia, história sobre determinados fatos. Cada grupo apresenta sua história: uma pessoa do grupo lê os fatos, enquanto outros representam o que está sendo dito. Cada representante assume o papel do representado e defende seu ponto de vista. Por sua vez, os outros grupos consideram as diversas perspectivas e sugerem possíveis formas de solucionar o problema central da história. Perspectivas Globais em Todas as Disciplinas. Criar atividades que apresentem as diversas culturas e perspectivas globais do mundo é de suma importância. A proposta é criar pontes entre os alunos e a variedade de manifestações artísticas e culturais que existem. Os estudantes podem explorar as diferenças e semelhanças da literatura, música, arte, jogos, de diversos países diferentes. Para esse momento cultural os docentes podem trazer entrevistados, líderes da discussão, representantes da sua cultura, indígena, africana etc. Roda dos Sistemas. A Roda dos Sistemas é o momento em que os alunos intercalam problemas associados a outros. Como em um mapa mental, no primeiro momento às crianças colocam ao meio da folha uma questão central e ao redor desta outros sistemas que são afetados por essa realidade, e assim sucessivamente. Por exemplo: em uma disciplina de ciências, os estudantes estão querendo descobrir sobre as consequências da poluição do ar, logo, “Poluição do ar” será o sistema central, ao redor do sistema central, colocaremos outros sistemas que são consequências dessa problemática, como o meio ambiente, a sociedade, as doenças, etc. Sendo assim uma longa cadeia de outros fatores surgirão a partir destes, as crianças podem relacionar, observar as diferenças e semelhanças com os trabalhos dos amigos ao lado e identificar ações necessárias.
RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS LOCAIS E GLOBAIS;	Estratégias para Resolução de Problemas Globais. Os docentes podem trazer para aula questões globais para serem apresentados aos estudantes. Com um formulário previamente estruturado, as crianças devem escolher quais problemas querem analisar, em seguida podem verificar com outras pessoas da sala quem escolheu o mesmo problema global e em grupos buscar por soluções, a partir disso, os estudantes criam um quadro de problemas globais e possíveis soluções gerais e específicas, onde simples ações podem fazer grande diferença. O objetivo é incentivá-los a se preocupar com o mundo como um todo, como a casa de todos os seres vivos. Despertar esse cuidado nos alunos pode ser feito de outras formas. Esta sugestão

	busca manter à vista deles (através de cartaz, quadro etc.) a realidade de problemas globais e estimular a conscientização sobre o cuidado com o planeta.
EDUCAÇÃO MULTICULTURAL;	Ensinar com uma Perspectiva Multicultural. Integração das informações multiculturais nas áreas de conteúdo: integre a educação multicultural trazendo aos alunos, ou, permitindo que eles tragam heranças culturais e étnicas, abordando suas contribuições na formação da nossa sociedade. Selecione recursos para estas atividades, criação de pôsteres, lapbooks etc. • Reflexões sobre a construção do conhecimento: Os professores podem auxiliar os estudantes a identificarem como as suposições e tendências culturais aconteceram e influenciaram a maneira de viver de todo um povo. Na aula de história, por exemplo, é possível realizar um estudo comparado entre o relato do diário de Cristóvão Colombo e uma entrevistada das tribos indígenas do nosso estado. O objetivo é levantar reflexões sobre diferentes conhecimentos dos povos. • Oferecimento de uma pedagogia de equidade: refere-se ao ajustamento de métodos de ensino para garantir o desempenho escolar de todos os alunos com suas respectivas necessidades. Usando a aprendizagem cooperativa, metodologias ativas e outras formas para alcançar os estudantes em diferentes condições humanas (condições sociais, cognitivas, de aprendizagem, etc., diferentes). • Criação de uma cultura escolar capacitadora: trata-se de criar um ambiente conscientizador a partir das diversas perspectivas daqueles que moldaram as culturas locais. Formando os estudantes para serem participantes autoconscientes da sociedade e poder agir de forma eficiente em um mundo pluralista. Para tal, é necessário que cada professor(a) avalie sua prática seguindo a perspectiva multiétnica, procurando maneiras de melhorá-la e sensibilizar os alunos sobre o multiculturalismo. Compreensão da Diversidade Cultural através das Artes. Analisar a arte de uma cultura pode ser uma forma de compreender com mais amplitude os costumes que ajudaram a moldar sua sociedade. Atividade de “Detetives Culturais”: os alunos são apresentados a outra cultura através da sua arte, seguindo os passos abaixo: 1. Solicitar aos alunos a se tornarem antropólogos ou ‘detetives’, com a missão de investigar outras culturas. Os professores podem identificar um tema, por exemplo, Cultura Chinesa. Havendo especificado o tema, os objetivos para cada grupo podem ser direcionados (Culinária, música, festas, estilo e roupas, etc); 2. Os alunos são direcionados a reunir amostras visuais, num segundo momento. Solicite fotografias, cartazes, imagens, fotos de revistas, ilustrações, objetos etc.

	Histórias, lendas e canções também podem ser reunidas e compartilhadas. - Os artefatos são levados para a sala de aula e examinados pelos estudantes. Nesta feita, eles são solicitados a investigá-los, observá-los, descrevê-los, interpretar os significados dos dados coletados; - Durante a investigação dos materiais, os professores elaboram projetos de produção. Os alunos podem aprender a manusear determinado instrumento, vasilha, objeto de outra cultura. Culturgramas. Projeto desenvolvido pelo centro David M. Kennedy Center de Estudos Internacionais, da Brigham Young University, desenvolve perfis de diversos programas culturais com o objetivo de estimular a compreensão intercultural. É uma iniciativa de pesquisa voltada a coletar e sistematizar visualmente todas as informações sobre as várias dimensões de uma cultura. um culturgrama há 24 amplas áreas de estudo: - Saudações; - Visitas; - Conversas ou discursos; - Encontros; - Relacionamentos de papéis; - Atitudes; - Aparência pessoal; - Expressões de atitudes gerais por idade, sexo e posição; - Idiomas; - Religião e filosofia; - Feriados especiais e dias santos; - Família; - Encontro, namoro e casamento; - Nível social e econômico; - Distribuição do grupo; - Trabalho; - Dieta e costumes alimentares; - Recreação, lazer, esportes, artes; - História e governo; - Educação; - Sistema de transporte e comunicação; - Instalações de saúde, sanitárias e médicas; - Terra e clima; - Outros costumes, medidas e contradições distintas; OBS.: depois de coletarem os fatos, os alunos podem querer conhecer um falante nativo dessa cultura para validar sua pesquisa. A pesquisa deve ser compartilhada num formato visual.
A TECNOLOGIA QUE APRIMORA A INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL;	A Tecnologia à Serviço da Inteligência Interpessoal. Usar a tecnologia em prol da educação é uma lei imperial básica no meio dos professores. A metodologia ativa de aulas gamificadas abrem espaços para diversas atividades. Além disso, é fatídico que as tecnologias aproximam os seres humanos e os

	auxiliam na descoberta do mundo através das redes de informações. A orientação feita aos professores é utilizar esse mecanismo a favor das inteligências interpessoais. Além disso existe uma ética digital que precisa ser orientada, pois o virtual constitui-se um novo espaço de encontro, lutas e exposição de ideias. Utilizar jogos, sites e aplicativos para um propósito social é fundamental. Professores e alunos precisam se manter atualizados. Por isso, a sugestão deste tópico é que se envolva as crianças a navegarem de forma consciente no ambiente virtual que é, também, social. Para além de pesquisas e atividades gamificadas, são abordados assuntos de responsabilidade coletiva.
--	--

Fonte: Adaptado de CAMPBELL, CAMPBELL, DICKINSON, 2000, p.151-172.

O quadro (Quadro 2) acima, apresenta nove formas de viabilizar a inteligência interpessoal em sala de aula. Cada uma das propostas demonstra a valorização das habilidades sociais e da pluralidade cultural. Os autores evidenciam as possibilidades no papel docente de abordagens das inteligências pessoais, iniciando pelo estabelecimento de ambiente propício para o interpessoal.

As escolas são orientadas a empreenderem, nos seus espaços, o reconhecimento da inteligência em pauta. Através de vários movimentos, é convidada a comunicar o que pensam sobre a aprendizagem interpessoal. Trata-se, portanto, de uma construção na cultura escolar que afeta seu currículo e organização. Para isso, um ambiente preparado para receber as necessidades pessoais e acolhê-las com afeto é rico em formações continuadas, horas de estudo e implementação de outras estratégias desta tarefa coletiva.

O Quadro 2 também apresenta atividades metodológicas como a Aprendizagem Colaborativa e Metodologias ativas anexas no corpo da sua estrutura. Sabe-se, atualmente, que as metodologias ativas e colaborativas são movimentos que têm muito a contribuir nas relações em sala, se mediados com intencionalidade e compromisso, sendo assim outro meio de fazer com que as inteligências interpessoais ocupem mais espaços no ambiente escolar.

O uso dessas metodologias direciona os estudantes a trabalharem em equipe priorizando o companheirismo acima da competitividade. Os estudantes são encorajados a ajudar os outros alunos, a se envolverem no processo de aprendizagem respeitando os diversos estilos de aquisição do conhecimento, tornando-se mais empáticos e compreensíveis, valorizando a multiculturalidade, as perspectivas

diferentes na visão de mundo, entre tantas outras características identificadas nas propostas acima.

Para Goleman (2012), a grande maioria das crianças estão em desvantagem socioemocional e através de ações conjuntas, a comunidade escolar pode lhes oferecer grandes contribuições formativas para ajudá-las na superação destas dificuldades debilitantes. Algumas destas “desvantagens” no desenvolvimento socioemocional são por razões familiares, vulnerabilidade social, econômica, e, muitas vezes as crianças nas escolas do país se encontram à margem da sociedade, privadas de cuidados básicos e sem apoio educacional na consolidação de uma boa educação.

Sobre isso, acreditamos, portanto, que políticas públicas em educação que invistam na formação da inteligência pessoal é de suma importância para as escolas. Goleman (2012) afirma que só a informação não basta, diante das várias circunstâncias enfrentadas pelas crianças, faz-se necessário a aplicação de estratégias que atravessam os diversos componentes, uma tarefa transversal e multidisciplinar, que efetivamente ampliem o repertório de recursos sociais que serão utilizados pelas crianças em diversas fases.

Além disso, projetos, cursos, palestras, disciplinas com a principal finalidade de preparar os estudantes para o enfrentamento da realidade, seja a realidade dos próprios sentimentos, como dos sentimentos das pessoas ao seu redor, sobre a autorresponsabilidade com o próprio corpo e pensamentos, como a responsabilidade em relação às outras pessoas, que aprendam a autorregular-se quanto a auxiliar na correção no coletivo.

A aprendizagem pelo serviço é citada, pelos autores, como outra maneira de trabalhar vários aspectos da vida cotidiana, oferecendo aos estudantes um leque de conhecimento e habilidades sociais permanentes. Nada mais tão aperfeiçoador que o trabalho e a prática, portanto, nesta perspectiva, os estudantes aprendem realizando tarefas de cunho solidário.

A aprendizagem através do serviço, principalmente o serviço comunitário, auxilia os estudantes a terem o contato com diversas realidades além de colocá-los na posição agentes de mudanças em grupos específicos. Já é de conhecimento comum que a inteligência intrapessoal está altamente ancorada à inteligência interpessoal, neste sentido, acreditamos que a aprendizagem por meio do serviço pode contribuir potencialmente para a descoberta de si mesmo. Isso acontece pelo

fato de o contato com diferentes contextos exigir uma tomada de decisões, e, nessas circunstâncias os indivíduos se externalizam em atitudes ainda não conhecidas e descobrem a diferença entre como pensam e como fazem na realidade.

Outro tópico relevante do quadro é o contato com diversas culturas e a sua valorização por meio da história, o que evidencia o potencial transformador da inteligência interpessoal. Muitas vezes os estudantes não têm nenhum tipo de informação ou contato com a realidade da diversidade cultural, ou, são guiados por práticas segregantes, preconceituosas e incapacitantes, aprendidas por diversos motivos. A escola torna-se sua principal ponte de acesso ao conhecimento das culturas e o respeito das diversidades apresentado na manutenção de boas relações.

Sobre o acesso à educação interpessoal, muitas maneiras foram elencadas no quadro acima, procurando sustentar a afirmação de que é possível ter um lugar no ambiente escolar para elas. Sabemos, que o acesso ao conhecimento é a chave para a mudança, que a ignorância sempre foi a estratégia mais utilizada pelos grupos dominantes, portanto, o saber sempre será o contra-ataques ao sistema dominador. O acesso ao conhecimento será o passo inicial de toda mudança, pois sem o primeiro não existiria a necessidade do segundo.

Em vista disso, o estudo sobre a inteligência interpessoal revelou o quão elementar ela é à vida dos seres humanos, apresentando as suas implicações em várias etapas da vida, demonstrando que, principalmente na etapa escolar, os professores têm uma enorme possibilidade de abordar sobre o tema e conscientizar os estudantes sobre o valor das inteligências pessoais.

3. QUAL O LUGAR DAS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS NA ESCOLA?

Observando a relevância da temática no desenvolvimento humano dos estudantes, surgiram algumas inquietações, como por exemplo: qual o espaço que as inteligências pessoais ocupam nas escolas? ou qual tem sido o valor dado às formações dos professores sobre o assunto?

Com propósito de responder essas dúvidas, realizamos uma pesquisa de campo por meio do contato com algumas escolas. Enviamos o questionário para quatro docentes, dois da rede pública de ensino do estado do Maranhão e outros dois do município de São José de Ribamar.

A fim de obter informações específicas sobre as suas experiências no tema da pesquisa, elaboramos questões abertas e fechadas, além de introduzirmos os objetivos sobre a importância da pesquisa para a comunidade. O instrumento de coleta foi enviado via e-mail e formulado através do Google Forms, e analisado pela planilha do Google Docs. Vale informar que dos quatro participantes, três nos deram o retorno e um não.

Desta feita, para manter o anonimato da identidade dos participantes, iremos apresentá-los através dos códigos A1, para o primeiro, A2, para o segundo, ambos professores do município de São José de Ribamar e, por último, A3, para o terceiro que atua na cidade de São Luís.

Quando perguntamos sobre a formação inicial e os estudos de Gardner, na perspectiva das inteligências pessoais, o primeiro participante, formado em matemática pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), relatou que teve contato, porém, de forma dinâmica.

O participante A2, também licenciado em matemática pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI), campus Floriano, relatou que não ouviu e nem teve contato com a temática das inteligências pessoais na formação inicial.

Por fim, o participante A3, licenciado em Geografia, sem divulgar a instituição da formação inicial, respondeu que já teve contato com o tema e informou, de modo resumido, que as inteligências pessoais focalizam “o comportamento dos alunos, relação pessoal com os parceiros da escola, com a gestão e com os pais. O espaço de convívio” (A3, 2025).

Diante disto, foi possível analisar o espaço restrito que as inteligências pessoais receberam na formação dos três professores. Gardner (1994) revela que

este assunto não é novo, porém seu estudo faz uma retomada aos conhecimentos já abordados por outros teóricos como Lev Vygotsky e Jean Piaget. Percebemos, portanto, que apesar da relevante temática, pouco se sabe sobre a teoria das Inteligências Múltiplas, na perspectiva das inteligências pessoais.

Como estudantes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), viemos a ouvir sobre a teoria numa disciplina de Pesquisa, como sugestão de tema para o projeto, mas nada voltado diretamente para o estudo do desenvolvimento socioemocional na fase escolar.

Percebemos, ao analisar as informações acima, que existe uma grande necessidade da integração da temática nos cursos de licenciatura, tendo em vista que os professores enfrentam diversas realidades que exigem um preparo acadêmico para as interações em sala.

Para tal, sugerimos a criação de uma disciplina voltada para a temática, com o objetivo de aprimorar as intervenções docentes e preparar os professores para as interações entre pais, alunos e comunidade escolar, além de abordar estudos sócio emocionais da aprendizagem através de Howard Gardner, e de contemporâneos como Celso Antunes, educador, que, inspirado pela teoria gardneriana, defende a relevância das habilidades socioemocionais para a formação crítica dos indivíduos

Seria de grande aproveitamento a implementação de uma disciplina voltada para a aprimoração do trabalho docente no sentido das inteligências pessoais, de um estudo voltado para as intervenções das possíveis realidades encontradas em sala, que oriente como estabelecer relações saudáveis entre os participantes do ambiente escolar, com foco nas relações intrapessoal e interpessoais. Desse modo, seria possível possibilitar um espaço devido à educação das relações.

No segundo momento foi-lhes questionado sobre o contato com a temática em formações continuadas promovidas pela instituição ou em estudos independentes, no que obtivemos as respostas abaixo:

- Para A1, houve essa primeira aproximação através de uma formação oferecida pelo município de São José de Ribamar;
- Para o A2, o único contato foi por meio de estudos independentes através de palestras e formações pelo Youtube, partindo de interesses próprios e não por algum incentivo acadêmico ou do ambiente de trabalho;
- Para o A3, que já teve um contato inicial na universidade, também pôde conhecer mais sobre o tema em outras formações;

Analisamos, desse modo, que ambos os professores tiveram contato com o tema, porém nenhum de forma muito sistemática. Dos três participantes, dois participaram de formações continuadas e um buscou sobre o tema em plataformas digitais. Apesar de todos responderem positivamente, foi possível perceber a restrição do acesso ao assunto das inteligências pessoais. O que nos faz identificar uma atenção postergada ao estudo das relações.

É bem verdade que existe uma alta demanda sobre os professores, e que muitas vezes *O que ensinar* tem sido cada vez mais relevante do que o *Como ensinar* ou *Para quê ensinar*. Campbell, Campbell e Dickinson (2000) dizem que o maior desafio dos educadores não é ensinar o conteúdo, mas fazer com que seus estudantes aprendam a aprender, a construírem sua própria aprendizagem.

Entendemos que o conteúdo, a metodologia e os objetivos precisam estar interligados, de forma interdependente. Apontamos isto para enfatizar que a proposta das inteligências pessoais é se unificar ao conteúdo, ao modo e aos objetivos, não excluindo, mas unificando a rotina de sala transversalmente.

Este apontamento tornou-se necessário devido à formação dos três professores contribuintes da pesquisa. Verificamos que dois deles são professores de matemática do ensino fundamental e o terceiro, professor de geografia também do ensino fundamental. Talvez possa parecer ter pouca aplicabilidade a temática, mas assim como nos demais níveis de ensino as relações intrapessoais e interpessoais também perpassam o nível do ensino fundamental, anos iniciais ou finais.

Até o presente momento, foi possível perceber a importância da formação inicial e continuada na construção do conhecimento sobre a temática. Sobre a formação inicial, sugerimos a implementação de disciplinas que sistematizam o assunto. Já para a formação continuada propomos que a comunidade escolar solicite formações contínuas, que estejam de acordo com suas necessidades. As formações podem ser gerenciadas pelas secretarias ou podem ocorrer de forma interna entre um momento de estudo entre os parceiros da instituição.

Temas proposto como: Intervenções docentes e relações em sala; Teoria da Inteligências múltiplas na perspectiva das interações; Desafios comportamentais dos alunos e estratégias de intervenção; Além de palestras que podem ser feitas diretamente aos estudantes, que será o foco da próxima questão.

Convém ressaltar que não se trata de acumular cursos, informações ou técnicas, mas, segundo Magalhães e Azevedo (2015), a formação docente se faz pela necessidade da “reflexão do trabalho educativo e sua identidade pessoal e profissional, levando em conta as dificuldades na busca do significado no interior de suas aprendizagens ou do que aprende com suas práticas” (Mendes, Azevedo, 2015, p. 31).

Os professores que buscam práticas efetivas são auto avaliadores das próprias ações e estão constantemente buscando aprimorá-las. É de suma importância explicar que para apresentar uma inteligência de vida, como a que foi estudada aqui, é necessário que os educadores saibam aplicá-las em seu cotidiano. Nenhuma teoria se solidifica sem a prática, por isso é importante que os estudantes consigam perceber a fala dos seus professores expressas em suas ações.

Agora que já conseguimos entender a importância das formações contínuas como aporte para o estabelecimento das inteligências pessoais no espaço escolar, passaremos para a próxima questão. Perguntamos aos docentes quais estratégias eles apontariam para potencializar o desenvolvimento das Inteligências pessoais dos estudantes, no que coletamos as seguintes sugestões:

- A1: Formações continuadas para os professores e aulas interdisciplinares;
- A2: Palestras e roda de conversa;
- A3: Diálogos constantes para explicar que a escola é um espaço de convivência diária na busca do conhecimento;

Dadas as contribuições acima, foi possível perceber a viabilidade das inteligências pessoais no ambiente escolar. Os professores elencaram maneiras simples e significativas que, somadas, colaboram para o amadurecimento do corpo social discente. Roda de conversa, palestras, diálogos constantes em sala e aulas interdisciplinares podem auxiliar os estudantes no acesso ao tema e as implicações atribuídas à vida e são meios de fortalecer relacionamentos mais inteligentes e saudáveis.

Posteriormente, questionamos os professores sobre os desafios diante da promoção das inteligências pessoais, ao que eles responderam:

- A1: O despertar do interesse do aluno;

- A2: Aprovação automática e suas consequências: alunos sem saber dos assuntos, despreocupados pois sabem que passaram de série, indisciplinados, uso de celular de forma desordenada, falta de interesse nos conteúdos;
- A3: Problemas familiares para resolver na escola, e a ausência dos pais que vão para o trabalho;

Estes foram os apontamentos levantados pelos professores que caracterizam as dificuldades no desenvolvimento das habilidades sociais. A falta de interesse sobre a própria formação é uma das maiores dificuldades citadas pelo primeiro participante. Considerando o contexto da escola pública faz-se necessário analisar esta afirmação com base na realidade dos estudantes que frequentam este espaço.

A maioria dos participantes de uma escola pública, para não dizer todos, têm condições mínimas de vida, como o mínimo de acesso à saúde, ao lazer, à segurança, entre outras oportunidades básicas. Além de que, em algumas circunstâncias, são cercados pela criminalidade e perigos sociais. Podemos inferir que, em algumas comunidades, prematuramente as crianças entram em contato com o mundo do trabalho, como meio de sobrevivência. Em outros momentos, são cercadas por pessoas que não demonstram mínima atenção à sua construção educacional sólida.

Vale lembrar que esta não é a realidade de todas as crianças e jovens de uma escola pública, porém a grande maioria está rodeada por diversas situações que fazem minar o interesse por sua educação e crescimento pessoal. Portanto, o despertar da consciência para os estudantes da escola pública torna-se tão desafiador e fundamental para suas vidas.

Outrossim, a utilização de celulares de forma desordenada, foi outra característica citada pelos participantes. Pode-se perceber que as tecnologias vêm ocupando cada vez mais o espaço e o tempo dos indivíduos e, dependendo de como é empregada, pode agregar positivamente, como demonstrado nos quadros 1 e 2 das seções anteriores, ou pode repercutir negativamente sobre a formação integral dos estudantes.

O desafio apresentado pelo participante A2 manifesta o uso inadequado e consumo excessivo do uso de telas, o que tem provocado alguns “curtos-circuitos cerebrais” estudos pela neurociência. Sabendo que a educação para as inteligências

peçoais também se preocupa com a saúde emocional, é possível ser integrada às aulas momentos de aprendizagem sobre o uso consciente dos aparelhos eletrônicos, além da utilização de metodologias ativas como o estudo de caso para serem averiguados pelos estudantes.

As questões familiares também foram citadas como outro exemplo de desafios à prática docente. O professor A3 coloca que a ausência dos pais no processo escolar, torna-se outra barreira diante do desenvolvimento integral dos estudantes. A falta de acompanhamento e incentivo familiar demonstra mais um contexto de desigualdades e dificuldades vivenciadas por pessoas em diferentes escolas. Nesses casos, além dos parceiros educacionais, cabe aos órgãos públicos criarem políticas de compensação e conscientização social.

O participante A3 incluiu que, na escola onde atua, existe a função de mentoria através de psicopedagogos, porém essa realidade não reflete a dos outros participantes, cabe aqui o espaço para mais pesquisa sobre o papel da mentoria, suas implicações e quais escolas efetivam tais práticas.

Em suma, segundo a contribuição dos participantes da pesquisa, percebemos que pouco é agregado à formação acadêmica sobre as inteligências peçoais. Para obter mais informações sobre o assunto, os professores conduziram estudos independentes e outros tiveram seu primeiro contato por meio de formações continuadas ofertadas pelas instituições onde trabalham.

Verificamos, conjuntamente, que os três professores sugeriram estratégias que viabilizam a exploração da temática na escola, propondo palestras, diálogos constantes, roda de conversa e aulas interdisciplinares, o que demonstra a possibilidade do lugar das inteligências peçoais na escola. Além disso, foi feita uma última pergunta sobre o qual o lugar das inteligências peçoais na escola, ao que eles responderam:

- A1: Lugar de primazia. Divulgação;
- A2: Não respondeu a esta pergunta;
- A3: A escola é um espaço de socialização e descobertas de conhecimentos peçoais entre eles. Ocorrem de forma natural.

Apesar das importantes contribuições, se fez notório que ainda precisa ser mais explorado as teorias das relações, seja com Freire, seja com Gardner, seja com as inteligências múltiplas ou a emocional de Goleman, é preciso verificar quais as

implicações desses saberes às práticas docentes, qual a funcionalidade e as contribuições no desempenho dos estudantes, e qual nosso papel como mediadores dessas relações, para que ao final, a formação dos indivíduos seja vista de forma integral e a educação na perspectiva das inteligências pessoais ocupe o lugar mencionado pelo professor A1: Lugar de primazia.

4. CONCLUSÕES SOBRE O LUGAR DAS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS NA ESCOLA.

Este trabalho serviu como uma retomada aos saberes já existentes sobre a importância das interações, porém sob a ótica das inteligências pessoais e suas implicações ao longo do tempo. Entende-se que esses saberes são cruciais não só para o desempenho escolar, mas para a vida humana como um todo. Percebemos que existe um longo caminho a ser percorrido para o estabelecimento da temática na escola, e para isso, é necessário o preparo docente desde a formação inicial.

Conclui-se que as formações continuadas são aportes que auxiliam os professores ao acesso dessas inteligências, principalmente para aqueles que nunca tiveram contato sobre o assunto. Essas formações podem ser promovidas pelas instituições, como podem ser solicitadas pelos docentes. As plataformas digitais também podem agregar aos estudos independentes pois disponibilizam ampla discussão sobre o tema através de simpósios e workshops.

Em suma, espera-se que esta investigação seja colocada a serviço de bons fins, podendo servir de estudo para outras pesquisas e que, de fato, as inteligências pessoais ocupem lugar nas salas de aula, possibilitando que os estudantes tenham uma aprendizagem plena e significativa em termos valorativos.

Espera-se, também, que os professores em geral, como os contribuintes desta pesquisa, possam expandir as fronteiras do conhecimento e desenvolver em suas aulas intervenções visando o reconhecimento do tema abordado. Que as inteligências pessoais ocupem mais espaço nos momentos das aulas, contribuindo para a formação de seres capazes de enfrentar tanto o mundo que os cerca, com seus desafios, quanto o mundo interior, com suas complexidades.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA do homem; [assistente editorial Maria Fernanda Vido; Tradução Omar de Sousa]. – 1. Ed. – Santo André, SP: Geográfica Editora, 2010.

BURBANO PAREDES, J. B. **Educação, reflexividade e diversidade cultural: desafios na formação de professores**. In: José Gerardo Vasconcelos; Antonio Paulino de Sousa. (Org.). Educação, política e modernidade. 1ed.Fortaleza: Edições UFC, 2006, v. 1, p. 133-147.

CAMPBELL, Linda; **Ensino e aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas/ Linda Campbell, Bruce Campbell e Dee Dickinson**; 2.ed. trad. Magda França Lopes - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COMIDA. artista: Titãs, Os Paralamas do Sucesso, Arnaldo Antunes. Compositor: Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto. In: ARALAMAS E Titãs Juntos E Ao Vivo (Ao Vivo Na Marina Da Glória, Rio de Janeiro, RJ, Brasil / 2008). Intérprete: Titãs. São Paulo: Warner Music Brasil Ltda, 1967. (6 min). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/91453/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

DAMÁSIO, António; **O livro da consciência: a construção do cérebro consciente / António Damásio; [tradução de Luís Oliveira Santos]**. [Lisboa]: Temas e Debates. Círculo de Leitores, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GARDNER, Howard; **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas / Howard Gardner**; trad: Sandra Costa – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GOLEMAN, Daniel; **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente/ Daniel Goleman**. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

SABROSO, R. A. Xavier; Soft Skills vs Hard Skills – Qual a mais importante? ; Research Gate. University of Coimbra, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367076782_Soft_Skill_vs_Hard_Skills_-_Qual_a_mais_importante_Soft_Skills_vs_Hard_Skills_-_Which_one_is_more_important Acesso em: 05/03;2025

APÊNDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A pesquisa proposta situa-se no campo da educação, intitulada “O lugar das Inteligências Pessoais na escola”, tem como objetivo analisar o lugar das Inteligências Pessoais na escola e quais as contribuições apresentadas à formação contínua dos sujeitos envolvidos. Para o seu desenvolvimento a sua colaboração é fundamental. Neste sentido, pedimos a sua participação respondendo o formulário enviado por e-mail. Garantimos a integridade das informações prestadas em relação ao investigado. Esclarecemos que esta pesquisa não lhe trará nenhum ônus e que você tem a liberdade para participar ou não da mesma e, ainda, de recusar-se de responder perguntas, bem como de retirar o seu consentimento a qualquer momento. Declaramos que não haverá divulgação personalizada das informações, que não será obrigatório receber nenhum bônus ou compensação financeira por conta de sua participação no estudo em voga e terá o direito a uma via deste Termo. Se necessário seja dirimir algumas dúvidas, entrar em contato com a responsável pela pesquisa, Gizele Santos Silva, por e-mail: gizele.silva@discente.ufma.br ou com a professora orientadora, Profa. Dra. Walkiria de Jesus França Martins, walkiria.martins@ufma.br.

Assinatura do Responsável pela Pesquisa

De _____ posse das informações sobre a pesquisa,
eu _____

_____ concordo em participar da mesma de forma livre e esclarecida.

Nome: _____

Assinatura: _____

São Luís(MA), _____ de _____ de _____

APÊNDICE B

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I**

“O LUGAR DA INTELIGÊNCIA PESSOAL NA ESCOLA”**QUESTIONÁRIO**

Prezado/a Professor/a,

Esse questionário insere-se numa investigação de conclusão do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Tem como objetivo analisar o lugar da Inteligência Pessoal na escola e as implicações das formações contínuas nesse processo. Para isto, precisamos do seu olhar sobre esse tema, como parte fundamental da nossa pesquisa. As questões (de natureza aberta e fechada), alinham-se aos objetivos da investigação e seu preenchimento tem duração de 10 minutos min.

Assegura-se que será mantido o anonimato dos/das participantes.

Agradecemos a sua inestimável colaboração.

Orientanda: Gizele Santos Silva.

Orientadora: Professora Dr. Walkiria de Jesus França Martins.

Segue questionário:

1. Esta pesquisa manterá sua identidade anônima, apenas nos responda, como você está se sentindo hoje?
2. Fale um pouco sobre si mesmo e sua trajetória como professor(a). (Qual curso você fez, qual graduação, etc.)
3. Onde você atua? (modalidade de ensino, sala, etc.)
4. Rede municipal ou estadual (múltipla escolha).

5. Em sua formação inicial e continuada, o que você pôde estudar e conhecer sobre as Inteligências pessoais, intrapessoal e interpessoal na educação?
6. Qual tem sido o espaço dado para o desenvolvimento das inteligências pessoais (Intrapessoal e interpessoal) nas escolas em que você já observou?
7. Quais estratégias eram desenvolvidas para a promoção das inteligências pessoais dos estudantes?
8. Os seus alunos, em geral, apresentam dificuldades em compreender os próprios sentimentos e limitações e em se relacionar com os outros e resolver os conflitos? Fale um pouco sobre isso.
9. Você acredita que a comunidade escolar deve promover sensibilizações/estratégias direcionadas aos relacionamentos saudáveis na sala e a autodescoberta? Explique sua resposta.
10. Quais as sugestões e estratégias você apontaria para potencializar o desenvolvimento das Inteligências pessoais dos estudantes?
11. Você já teve contato com a Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner na faculdade ou nas formações continuadas?
12. Você tem o interesse de receber de volta o resultado desta pesquisa? Como ela pode contribuir para sua prática docente? (se sua resposta for positiva digite seu e-mail ao final da resposta). Obrigada!

APÊNDICE C

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA:
“O Lugar das Inteligências Pessoais na Escola.”

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Eu, Gizele Santos Silva, matriculada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão (matrícula nº 2018051120), pesquisadora do Projeto de Pesquisa monográfico intitulado provisoriamente por: “O Lugar das Inteligências Pessoais na Escola”. Sob a orientação da professora Dra. Walkiria Martins de Jesus França, venho solicitar à Secretaria Municipal de Educação - SEMED, autorização para aplicação de um questionário digital com os/as professores/as de duas instituições, uma localizada em São Luís e a outra em São José de Ribamar. A finalidade é a de coletar dados para construir a pesquisa e realização do trabalho de conclusão de curso (TCC). O questionário será realizado via e-mail, facilitando a comunicação e protegendo a identidade dos/das participantes. De forma posterior, será realizada uma análise final que será compartilhada com a escola-alvo, consistindo-se da interpretação dos dados, que poderão fundamentar e dar embasamento para futuros trabalhos relacionados à temática central. Igualmente, assumo o compromisso de utilizar os dados obtidos somente para fins científicos, bem como de disponibilizar os resultados obtidos para esta instituição.